

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO PAULO

**UM PONTO DE VISTA HUMANISTA
SOBRE A TECNOLOGIA**

**SÃO PAULO
2007**

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO PAULO

**UM PONTO DE VISTA HUMANISTA
SOBRE A TECNOLOGIA**

Diego Caldas Chaves

Monografia apresentada à Faculdade de Tecnologia de São Paulo
para a obtenção do Grau de Tecnólogo em Processamento de Dados

Prof. Orientador: Francisco Scarfoni Filho

**SÃO PAULO
2007**

Dedico este trabalho aos meus pais e todas as
outras pessoas que de alguma forma ajudaram ou
tem me ajudado em meu desenvolvimento.

AGRADECIMENTOS

Aos membros da estrutura do Movimento Humanista que
ao agiram de forma tão fervorosa em prol da superação
das contradições sociais e pessoais, me ajudaram a
acreditar no ser humano e ter esperança de que um dia ele
encontre um sentido e possa humanizar a terra.

Ao professor Scarfoni pela paciência na orientação

À Essy da secretaria de Processamento de Dados pela
presteza e dedicação.

Ao Samuel, Rogério, Oto, Thiago, Braz e todos que de
alguma forma auxiliaram na elaboração e na revisão deste
trabalho.

“Como seres humanos no somos ajenos al destino del mundo. Orientemos nuestra vida en dirección a la unidad interna, orientemos nuestra vida en dirección a la superación de las contradicciones, orientemos nuestra vida hacia la superación del dolor y el sufrimiento en nosotros, en nuestro prójimo y en donde podamos actuar.”

Silo

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
1 O HUMANISMO.....	7
1.1 O que é o humanismo?.....	7
1.2 O que é o Ser Humano?.....	9
1.3 Porque o Ser Humano transforma o mundo?.....	11
1.4 O que é humanizar.....	14
1.5 A técnica e a tecnologia.....	16
2 A SOCIEDADE TECNOLÓGICA.....	19
2.1 O Fenômeno Técnico.....	20
2.2 As transformações no Meio.....	22
2.3 Os protagonistas da sociedade tecnológica.....	25
2.4 Princípios norteadores.....	29
2.5 O processo de “desumanização” do Ser Humano e a sua consequência: a passividade.....	30
2.6 O transfundo hedonista da sociedade tecnológica.....	34
2.7 Ausência de responsáveis.....	39
2.8 Outras características.....	43
3 PROPOSTAS PARA HUMANIZAÇÃO DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA.....	47
3.1 A coerência.....	56
3.2 A descentralização do poder.....	61
3.3 Ações já existentes.....	64
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
BIBLIOGRAFIA.....	71

Lista de Abreviaturas

DNA	Deoxyribonucleic acid (Ácido Desoxirribonucleico)
EUA	Estados Unidos da América
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
UDN	União Democrática Nacional
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

CURRICULUM VITAE

Diego Caldas Chaves, natural de São Paulo, nascido em 04 de fevereiro de 1983. Formando em Tecnologia em Processamento de Dados pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo em 2007. Sócio fundador da empresa DCC Informática, presta serviços como desenvolvedor de sistemas. Membro da estrutura do Movimento Humanista, atua como orientador de ações sociais.

RESUMO

Esta monografia apresenta uma análise do desenvolvimento tecnológico na sociedade atual desde uma perspectiva humanista. Tem como objetivo compreender as contradições da sociedade tecnológica, apresentando propostas para a sua humanização.

ABSTRACT

This extended essay presents an analysis of technological development in the current society using a humanist perspective. It aims to understand the contradictions of the technological society, introducing proposals to its humanization.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é pesquisar alternativas teóricas e práticas para um uso mais humanizado da tecnologia, porém, antes de iniciar a pesquisa propriamente dita, considera-se importante fazer algumas considerações acerca das possibilidades de uma humanização, visto o cenário atual que proclama o determinismo da evolução técnica.

A ideologia reinante coloca o ser humano na posição de mero espectador do progresso, como apresenta Alain Gras[GRAS, 2001 : 1-14], a sociedade humana está impedida de se perceber como construtora de alternativas tecnológicas que possam ajudar a um melhor desenvolvimento social, este impedimento não é objetivo, é subjetivo e ideológico, derivado de uma filosofia do progresso que coloca a técnica como algo que se desenvolve determinada pela obtenção de uma eficácia sempre maior, alheia à intenção humana.

Nesta forma de pensar “*a única certeza é a eterna mudança. A técnica adquiriu uma dinâmica própria a qual o homem não mais se interessa em entender. Basta-lhe o pensar no seu bem-estar aqui e agora.*”[DOLCE, 1995]

Assim, o desenvolvimento fica à cargo de especialistas que têm apenas um compromisso, a eficiência. A todos os demais cabe apenas desfrutar do que eles criam, experimentando uma sensação de progresso crescente, porém, tal progresso é questionável, citando outra vez Alain Gras: “*Quando inventamos socialmente os direitos do homem, os maiores massacres que conheceu a humanidade histórica são perpetrados. Quando a máquina vem liberar o homem das tarefas manuais, o mesmo homem torna-se escravizado como nunca no trabalho. [...] Enfim, quando proclamamos que a guerra deve ser limpa, ela se revela de uma falta humanidade monstruosa, porque ela nega a própria existência do outro na figura do inimigo.*”[GRAS, 2001 : 8]

Um exemplo comprobatório que este “desenvolvimento” tecnológico não se compromete com um progresso social é a questão da fome, Rosset, co-diretor do *Food First* / Instituto de Alimentos e Políticas de Desenvolvimento explana que apesar do fato da humanidade possuir os silos abarrotados, a fome no mundo é hoje uma realidade para cerca de 786 milhões de pessoas e pelo menos um terço da humanidade vive em estado de subnutrição, paradoxalmente indicando que o “*incremento da produção de alimentos pode, e freqüentemente é assim, seguir de mãos dadas com o aumento da fome*”[ROSSET, 2000].

A mais visível das contradições é sem dúvida o desenvolvimento de armas sempre mais “eficientes” em sua ação mortífera, demonstrando que por vezes o desenvolvimento científico contribui para o homicídio e o genocídio, como no caso das famosas bombas que caíram sobre Hiroshima e Nagasaki. Nem é mesmo necessário voltar ao século XX para encontrar situações como estas, por exemplo, milícias Sudanesas mataram no primeiro lustro do século XXI mais de 3 milhões de pessoas de uma etnia diferente da sua. O desenvolvimento técnico neste caso ajuda que guerras étnicas se tornem muito mais sangüinárias.

Georges Bernanos em 1944 questionava esta matança: “*Trinta, sessenta, cem milhões de mortos não fazem vocês recuarem de sua idéia fixa: ir mais rápido, não importa por que meio... ir rápido? Mas onde?*”[BERNANOS apud GRAS, 2001 : 10]

Esta velocidade sem direção de que fala Bernanos, é a mesma que a professora da UnB, Isabela Oliveira[OLIVEIRA, 1999] coloca ao dizer que a tecnologia da informação teve um desenvolvimento em tão larga escala e rapidez, que poderia até permitir a superação de muitas das contradições sociais do planeta, como foi preconizado pela modernidade. Mas, ao invés disso, devido a supressão do “para onde”

do conhecimento durante o processo de secularização do pensamento, tornou vazia e tautológica a noção de progresso dado que seu único ideal final atualmente é a realização das condições para um progresso subsequente.

E desta forma, como em um círculo vicioso, o problema se torna mais profundo, conforme mais pessoas vão se alienando de seu poder de escolher quais tecnologias deverão ser desenvolvidas, poder este que acaba drenado por pessoas com uma visão restrita a seus interesses particulares e que não conseguem traçar uma relação entre a parte que desenvolvem com o todo.

Esta alienação não ocorreu naturalmente, foi resultado de um longo processo de doutrinação, que como observou Lewis Mumford [MUMFORD, 1955:202-204] iniciou-se no fim da idade média com o processo de constituição dos estados absolutos.

As atividades que os indivíduos desenvolviam até então, estavam integradas a uma vida mais ampla e se relacionavam de uma forma que possuía um certo grau de coerência com o sentido que cada pessoa atribuía à sua vida. Desta forma o indivíduo participava ativamente de muitas tarefas sociais que atualmente são atribuídas a especialistas: a educação dos filhos; a construção das casas e igrejas; o cultivo dos alimentos; o fabrico das roupas; a organização de festas; etc.

Mesmo o poder político, que era exercido por senhores feudais, nobres e membros do clero, não estava demasiadamente concentrado.

Porém, na transição entre Idade Média e Idade Moderna ocorreu um fenômeno de concentração de poder político nas mãos de uns poucos homens. Tal fenômeno, o absolutismo, ocorreu quando déspotas se esforçaram por ajustar os homens com maior subserviência aos moldes de uma máquina maior, o Estado, a fábrica ou o escritório, diminuindo a intensidade das reações humanas, restringindo o alcance dos atos

humanos, reduzindo as humanas sensibilidades, suprimindo toda tendência à ação não autorizada, tornando os homens adestrados e sensíveis a simples palavras de ordem.

O poder político que antes estava distribuído nos pequenos atos cotidianos das pessoas comuns foram pouco a pouco sendo absorvidos pelos príncipes e patrões. Um exemplo de como tal façanha foi realizada pode ser visto no processo de aviltamento pelo qual passou a cultura popular. As produções culturais que até então eram realizadas de acordo com um gosto das pessoas do povo, começaram a ser realizadas de acordo com um padrão clássico, produzindo assim um descrédito da cultura popular, amesquinhando tudo o que ela criara, denigração esta que era acompanhada da transferência de autoridade dos próprios cidadãos para um especialista, uma espécie de déspota estético, um homem com um gosto em obediência a fórmulas estereotipadas.

Esta grande doutrinação, foi se realizando paulatinamente em todos os âmbitos da vida social, sem alcançar sucesso imediato em nenhum setor onde foi realizada, pelo contrário, foram necessários séculos de prática tirânicas e treinamento mecânico para que as pessoas aceitassem abrir mão de seu julgamento e deixá-lo à cargo de um especialista.

No século XVII já se encontrava pronta a estrutura ideológica que levaria a este maquinismo moderno e no século seguinte, La Mettrie em *O Homem-Máquina*, já conseguia tratar o homem como um fenômeno puramente mecânico, simples produto da matéria e do movimento.

Criou-se assim, segundo Fromm[Fromm, sem data : 53], a base da sociedade industrial, uma máquina social que trabalha mais eficazmente se as pessoas são reduzidas a unidades sem subjetividade, puramente quantificáveis, cujas personalidades podem ser expressas em uma cadeia de DNA, em um formulário no computador.

Unidades que podem ser facilmente administradas por regras burocráticas por que não criam dificuldades ou provocam atrito.

Será feita uma análise mais precisa sobre o momento atual em um capítulo posterior, neste momento esta rápida análise histórica serve para demonstrar que a passividade na qual grande parte da humanidade se encontra não é algo naturalmente determinado e sim uma construção cultural e histórica.

É importante então não cair na cilada de um pensamento único que coloca o futuro como um produto de forças alheias à vontade humana e determinadas pelo acaso.

O que torna o futuro incerto é o fato de bilhões de pessoas serem levadas todos os dias pelos meios de comunicação de massas e outros mecanismos eficientes de controle social a esperarem comandos de alguns milhares de indivíduos que não enxergam um palmo além do imediatismo de seus interesses particulares. Estes indivíduos acreditam que a sociedade se conservará no estado corrente eternamente e que poderão consumir os recursos naturais de forma infinita.

A tarefa de humanização da tecnologia pode não ser uma tarefa simples, já que não parte do expectativa de que basta trocar as cabeças que se acreditam as comandantes da sociedade para que a história tome outro rumo.

Porém ela não é impossível. O século XX foi palco de muitos movimentos populares não violentos, que depositaram sua esperança no ser humano, colocando seu trabalho na direção de mostrar a cada pessoa que ela não precisava seguir as ordens de patrões ou generais, pois ela é capaz de participar das decisões que realmente importam para sua existência, manifestando sua vontade de forma franca e comprometida com a vida. As marchas contra o preconceito racial e contra a guerra do Vietnã nos EUA, os *satiagrahas* pela independência da Índia, a primavera de Praga, a greve de 7 anos na

fábrica de cimentos de Perus em São Paulo, entre outras iniciativas, mostraram que há uma possibilidade de se levantar contra aquilo que produz o sofrimento, sem a necessidade de agir com violência contra quem os gera.

Este trabalho está estruturado em 4 capítulos:

No primeiro capítulo serão apresentados termos e idéias que contextualizarão o leitor com o pensamento humanista;

No segundo capítulo se buscará compreender o porquê dos efeitos negativos do desenvolvimento tecnológico, procurando entender quais são as idéias que lhe servem de transfundo e suas respectivas conseqüências;

No terceiro capítulo será realizado um entendimento sobre quais pontos precisam ser modificados para que o desenvolvimento tecnológico seja humanizado;

No quarto capítulo serão realizadas as considerações finais.

1 O HUMANISMO

O Humanismo será a perspectiva sob a qual esta monografia se desenvolverá. Por isso é importante que o leitor se familiarize com os fundamentos que serão apresentados neste capítulo, tendo em mente que em outros contextos estes termos podem assumir acepções diferentes das apresentadas aqui, de acordo com a perspectiva teórica que são encarados.

1.1 O que é o humanismo?

Uma explicação bem sucinta do significado do Humanismo foi colocada pelo pensador argentino Silo, em uma conferência realizada na *Universidad Autónoma de Madrid*:

“Se fala de “Humanismo” para indicar qualquer tendência de pensamento que afirme o valor e a dignidade do ser humano. Com este significado se pode interpretar o Humanismo dos modos mais diversos e contrastantes. Em seu significado mais limitado, porém colocando-o em uma perspectiva histórica precisa, o conceito de Humanismo é usado para indicar este processo de transformação que se iniciou entre finais do século XIV e começo do XV e que, no século seguinte, com o nome de “Renascimento”, dominou a vida intelectual da Europa.”[SILO apud RUBIA, 2006 : 190-191]

Como expõe Silo, o termo humanista, mesmo indicando uma tendência a valorização do ser humano, pode produzir pontos de vista antagônicos entre si.

Consideremos como exemplo a Administração Humanista de Maslow, embora

esta valorize as necessidades e a subjetividade humana, na prática, coloca o ser humano como um instrumento para se alcançar a eficiência e desta maneira, obter um maior retorno do capital investido.

Há porém, um outro modelo de Administração Humanista proposta pelo pensador alemão Erich Fromm que busca em última instância:

“A mudança da vida social, econômica e cultural de nossa sociedade de maneira tal, que estimule e intensifique o crescimento e a vivência do homem em vez de incapacitá-lo, que ative o indivíduo ao invés de torná-lo passivo e receptivo...”
[FROMM, sem data : 116]

Há uma contradição visível neste exemplo, o modelo proposto por Maslow opera dentro de uma escala de valores capitalistas, ou seja, que tem no capital seu valor central. Ela foi chamada de humanista, pois no momento histórico que foi desenvolvida, os funcionários recebiam uma forma de tratamento que não levava em consideração suas necessidades, gostos ou aptidões e a partir de Maslow o operário ascendeu de uma condição análoga a de um boi de arado a uma condição onde começou a ser percebido com dono de uma subjetividade que pode de alguma influir no aumento e na diminuição dos lucros finais. Já para Erich Fromm, a administração precisa ser operada dentro de uma escala de valores antropocentrista, ou seja, que tenha o ser humano como valor mais importante. Em um modelo ideal da administração humanista de Fromm, os planejadores seriam *“essencialmente determinados pelo seu desejo de bem-estar ótimo da sociedade e dos indivíduos que a compõem”*. [FROMM, sem data : 117]

A monografia fugiria de seu foco, caso fosse realizar o trabalho hercúleo de comparar e explicar exhaustivamente todos os empregos do termo Humanismo, por tal motivo será escolhida uma linha de pensamento conhecida como Humanismo

Universalista ou Novo Humanismo e serão utilizados autores que embora talvez não pertençam a esta corrente, tenham uma linha de pensamento coerente a ela.

O Humanismo Universalista é uma doutrina desenvolvida a partir da década de 60 que tem o seu maior expoente em Silo, o pseudônimo do argentino Mario Luis Rodríguez Cobos.

O aporte que faz Silo em seu Humanismo Universalista é indicar que:

“A atitude humanista já estava presente antes do cunhamento de palavras como “humanismo”, “humanista” e outras quantas do gênero. Sobre a atitude mencionada, é posição comum dos humanistas de distintas culturas: 1. a colocação do ser humano como valor e preocupação central; 2. a afirmação da igualdade de todos os seres humanos; 3. o reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; 4. a tendência ao desenvolvimento do conhecimento por cima do aceito ou imposto como verdade absoluta; 5. a afirmação da liberdade de idéias e crenças e 6. o repúdio da violência.”[SILO, 2004 : 328]

Desta forma, diz-se que a *“a atitude humanista não é uma filosofia e sim uma perspectiva, uma sensibilidade e uma forma de viver a relação com os outros seres humanos”*. [SILO, 2004 : 451]

1.2 O que é o Ser Humano?

O termo Ser Humano é outro que também possui diversas concepções conflitantes, e *“dependendo da que se adote se terá distintas visões de mundo, da história e do sentido do homem”*[RUBIA, 2006 : 28].

Se por exemplo, se concebe o homem como *“algo acabado, com capacidades*

inatas “naturais”, então não há necessidade de desenvolver nada, somente pôr estas atitudes em prática. Assim surgiram todos os naturalismos que justificaram que uns tem que comandar e outros submeter-se, porque ambos “nasceram para isso”.”[RUBIA, 2006 : 29]

Se ao invés disso, parte-se de uma concepção coerente ao Novo Humanismo, onde o ser humano é tomado como um *“ser histórico cujo modo de ação social transforma a sua própria natureza”*[SILO, 2004 : 566-572], se concluirá que embora o ser humano seja influenciado por condições objetivas e subjetivas, tem o potencial de modificar estes condicionamentos através de ações orientadas à concretizar suas aspirações.

“Então se entende o ser humano em processo de mudança, de aprendizado, com enormes possibilidades de transformação, sendo sua parte constitutiva essencial essa capacidade de transformar o mundo e de transformar a si mesmo”[RUBIA, 2006 : 29].

Assim, segundo o *Diccionario del Nuevo Humanismo*[SILO, 2004 : 566-572], o natural deixa de ser permanente, já que ao homem se abre a possibilidade de alterar sua constituição física mediante instrumentos que utiliza como próteses externas e que lhe ajuda a apurar seus sentidos e aumentar suas habilidades. A natureza não o dotou com a capacidade de percorrer o meio líquido ou aéreo, e no entanto ele criou formas de deslocar-se neles. E hoje, explora seu próprio corpo e cria formas de manipular seus genes, órgãos internos ou a química que regula seu metabolismo.

Se a realidade objetiva é perfeitamente transformável, o que falar então da moral, do direito e de outras construções histórico-sociais ?

É absurdo, por exemplo, estudar as sociedades humanas sob a perspectiva da “lei da seleção natural”, pois nisso se afirma que ao transformar seu mundo, o ser humano é

incapaz de alterar uma suposta natureza que permite apenas a sobrevivência dos mais aptos, ajudando a justificar e perpetuar uma atitude violenta.

1.3 Porque o Ser Humano transforma o mundo?

Foi visto que o homem transforma intencionalmente a si mesmo e ao mundo em que vive, porém faltou uma questão fundamental: Que motivação o ser humano tem para agir desta forma ?

Isto acontece, segundo Ortega y Gasset[GASSET, 1963], porque um ente, que é o homem, se vê dentro de outro ente, o mundo. Esta relação homem-mundo poderia assumir três formas diferentes:

Na primeira, o ser do homem e o do mundo seriam completamente antagônicos, o que impossibilitaria a existência humana;

Na segunda, o mundo seria formado por puras facilidades, alternativa esta que não serviria para explicar a questão, pois se assim fosse, o ser humano careceria de necessidades, tendo cada desejo prontamente satisfeito. Desta forma, nunca perceberia o mundo como algo diferente de si e acabaria por ser um ente natural, como são as pedras ou as plantas e provavelmente os animais. Portanto não haveria necessidade do ser humano transformar o mundo ao seu redor;

Na terceira possibilidade, o mundo é formado tanto por facilidades quanto por dificuldades. As facilidades tornam possível a existência do ser humano no mundo, já as dificuldades negam esta possibilidade. O ser humano, então, não está no mundo passivamente, pois necessita minuto a minuto lutar contra as dificuldades que se opõe que seu ser se aloje nele. Pode-se dizer então que ao homem é dada a possibilidade de

existir, mas não é dada a realidade, ele tem que conquistá-la constantemente.

Ao prosseguir Ortega y Gasset compara o ser humano a um centauro ontológico, que tem uma metade imersa na natureza e outra que transcende dela. A parte natural do ser humano, se realiza plenamente e não é problema. Já a parte transcendental é a ânsia de realizar um determinado projeto de existência e o “eu” de cada qual é este projeto, um programa imaginário que não tem realidade material, mas que tem a pretensão de se realizar.

Assim, o ser humano se diferencia das “coisas” por não ter sua “realidade” igual à sua “potencialidade”. Para os demais entes do universo existir não é problema, é realizar a sua essência. Já o ser humano, para realizar a possibilidade de existir como homem, necessita se esforçar para isso.

“O homem tem uma tarefa bem diversa que a do animal, uma tarefa extranatural, não pode dedicar suas energias como aquele para satisfazer suas necessidades elementares, já que, evidentemente, tem que apagá-las nessa ordem para poder prover-se com elas na improvável faina de realizar seu ser no mundo.” [GASSET, 1963]

Neste esforço no mundo, abre-se à consciência humana uma dimensão temporal. Sua memória lhe proporciona o registro do passado e sua imaginação, um registro de futuro. E pode avançar não somente no espaço, mas dentro desta realidade temporal, planejando superar dificuldades que encontre em seu presente para assim construir no mundo uma realidade que não lhe negue a existência.

Como mostra Silo:

“Ele consegue dar uma resposta diferida aos estímulos imediatos, este sentido e direção de seu fazer em relação a um futuro calculado (ou imaginado), nos apresenta uma característica nova frente ao sistema de ideação, de comportamento e de vida dos

expoentes animais. A ampliação do horizonte temporal da consciência humana permite este retardo frente aos estímulos e a localização destes em um espaço mental complexo, habilitador para a colocação de deliberações, comparações e resultados, fora do campo do perceptível imediato.”[SILO apud RUBIA, 2006 : 176]

Estes estímulos imediatos que se apresentam como dificuldades, são registrado pelo ser humano como sofrimento. Tal qual expõe Silo[SILO apud RUBIA, 2006 : 146-150], este sofrimento pode ser de dois tipos, o primeiro tipo é também chamado de dor e está relacionada diretamente ao estar no mundo, registra-se fisicamente em uma enfermidade, ou na fome. Há porém um segundo tipo de sofrimento, que está mais relacionado ao fazer no mundo. É um sofrimento mental, que nasce de uma violência interna, resultante do medo de se perder algo, ou de não se conseguir alcançar a que se propõe.

Com base no que foi visto na obra de Silo[SILO, 2004 : 566-572] pode-se então concluir que superar a dor é um projeto básico que guia a ação e esta superação não é simplesmente uma resposta animal, é também uma configuração temporal na qual prima o futuro e que se converte em um impulso fundamental da vida.

Por exemplo, uma pessoa teme ser atingida por um raio. Ela não sente a dor do raio fisicamente, porém mentalmente ela sofre ao imaginar as conseqüências de tal acidente. Este sofrimento então a motiva a instalar um para-raios em sua casa. Não há uma codificação genética no ser humano que lhe diga, “você precisa instalar um para-raios”. Esta necessidade nasce da comparação do fato que sua casa se encontra no ponto mais alto da cidade com um conhecimento construído historicamente de que raios tem maior probabilidade a atingirem regiões mais elevadas. Isso demonstra que a dimensão temporal da consciência humana o auxilia a assegurar a execução de sua proposta de

vida.

1.4 O que é humanizar

É sob esta perspectiva apresentada por Gasset que entende o homem como um “programa” que se realiza enquanto age no mundo que a palavra humanizar adquire sentido.

O humanizar está relacionado a esta ação do homem sobre a sua realidade. Ao agir ele atribui significado ao que percebe e o mais importante, lhe atribui valores de acordo com a significância que estes objetos tenham em relação ao futuro a qual aspira.

Como exposto por Silo,[SILO apud RUBIA, 2006 : 175-178] uma pessoa experimenta o mundo desde o “para-mim”, ou seja, relacionando tudo aquilo que encontra com aquele seu propósito de vida e buscando uma maneira de colocá-lo em função dele.

Ocorre então que muitas vezes um ser humano enxerga a outra pessoa sem perceber seu horizonte temporal e conseqüentemente sua intencionalidade, logo o outro não terá sentido a não ser como um objeto dentro deste campo do “para-mim”. Ao enxergar ao outro como uma simples coisa, o ser humano acaba se percebendo como uma simples coisa também, então, todo seu plano de vida perde significado e sua atividade vital não humanizará o mundo. Se ao contrário disso, ele ao observar o outro, compreende que aquele ser tem um futuro aberto e pode escolher e agir na direção de construir a forma de vida que deseja viver. Então, este ser humano compreende o sentido que há em sua própria vida, e assim humaniza o mundo.

Fala-se freqüentemente em humanização da educação, humanização do trânsito,

etc... Nestes termos, humanizar significa reconhecer a humanidade do outro e em si mesmo e assim dialogar com ele de igual para igual. Observem por exemplo, a paisagem de formação da medicina atual :

“No transcurso do século XIX as três estratégias de políticas de assistência à saúde que predominaram são aquelas fundadas na ética da compaixão piedosa, no utilitarismo clássico de Bentham e Stuart Mill e no discurso tecno-científico, sendo que existe uma complementaridade entre essas três estratégias.

Juntas, elas compõem as modernas estratégias de biopoder, que interferem em nossa existência na medida em que propõe uma nova utopia, a da saúde perfeita num corpo conceitual biônico. Essas estratégias passam a assistir nossas necessidades mais elementares e íntimas, vigiando nossos movimentos, discutindo nossa sexualidade e vigiando nossos movimentos em nome de cuidar de nossa saúde. A saúde passa a ser valorizada como um bem acima de qualquer discussão, justificando assim formas coercitivas de controle social em nome da utilidade e da felicidade do maior número, da piedade compassiva pelos que sofrem e do condicionamento de comportamentos considerados mais saudáveis pelo saber médico científico higienista do momento. Tudo isso sem qualquer tipo de questionamento a respeito do que as pessoas envolvidas pensam e tem a dizer sobre o assunto.”[BETTS, 2007]

Dentro deste cenário, a humanização da medicina vai na direção de propor aos médicos que transformem a piedade que sentem em uma solidariedade genuína.

A piedade é um fenômeno que ilustra bem a desumanização, pois ao lançar um olhar piedoso, o ser humano se coloca em um nível superior ao da pessoa que é objeto de sua piedade. Quando alguém se percebe como mais valoroso que outro, não há possibilidades de existir uma comunhão ou um diálogo, pois o diálogo, como bem

demonstrou Paulo Freire ao longo de sua vida e obra, é relação que nasce entre dois iguais. Logo, relações que se estabelecem desde este sentimento não são humanizadoras.

1.5 A técnica e a tecnologia

O ser humano age no mundo, transformando-o. Nesta ação ele emprega técnicas, ou seja, procedimentos que tem como objetivo aperfeiçoar este agir.

A técnica não é uma exclusividade humana, porém, diferentemente de outros animais, o homem tem a capacidade de refletir sobre as técnicas que emprega. E além disso, ao imaginar quais problemas enfrentará no futuro, é capaz de relacionar as técnicas que poderá empregar e caso não conheça nenhuma, desenvolver outras novas. *“Este desenvolvimento(...) não depende tão somente da acumulação anterior de conhecimento e práticas sociais, senão da direção de um processo de uma sociedade dada que (...) no momento atual, se encontra relacionada com a sociedade mundial.”*[SILO, 2004 : 582]

A tecnologia é, por sua vez, o *“estudo e conhecimento científico das operações técnicas ou da técnica”*[GAMA, 1995] .

Resumindo, pode se entender a técnica como uma forma sistematizada que o ser humano se utiliza para agir no mundo e a tecnologia como os estudos que ajudam a estabelecer novas técnicas ou melhorar as já existentes.

Neste fazer técnico a humanidade aprendeu a se utilizar de artefatos conseguindo desta forma realizar tarefas, que apenas com seu corpo não conseguiria.

E ao contrário de diversas correntes que colocam a técnica como sendo alheia à

realidade humana, dona de uma lógica de desenvolvimento própria, o humanismo não vê sentido na técnica senão dentro de um contexto. Ela pode ter qualidades boas ou ruins dependendo para as razões que é empregada, não desprezando todavia que uma técnica desenvolvida desde uma matriz anti-humanista de pensamento pode carregar em si características desta sua gênese. Tomando-se como exemplo uma mina terrestre, dificilmente tal artefato poderia ter seu uso adaptado para a caça de coelhos e independentemente disso continuaria sendo uma ameaça à vida humana.

Tal propriedade dos objetos não se relaciona somente ao fato de negarem a vida ou não.

Quando um ser humano constrói algo lhe atribui muitos significados que são carregados com sua “paisagem de formação”. Por exemplo o computador pessoal foi projetado de forma que privilegia a interface visual. E para que as pessoas que tem dificuldade de enxergar ou não possuem visão alguma pudessem se utilizar dele foram necessárias uma série de adaptações. Poderia se imaginar um cenário diferente, onde o computador tivesse sido desenvolvido por pessoas que tem pouca sensibilidade visual. Porém um sentido auditivo aguçado e assim, seriam necessárias adaptações para exibir imagens aos usuários que não tem condições de distinguir os sons emitidos.

Estes artefatos para serem trocados de contexto, necessitaram uma reformulação. Há porém o caso de artefatos que dificilmente permitem tais “transmutações”. Um caso citado foi o da mina terrestre, porém, partindo de exemplos cotidianos, poderia-se tomar o radinho portátil. Haveria forma de uma pessoa com deficiência auditiva se utilizar de tal mecanismo ? Alguns já tentaram transpor a música em código de cores, tentando simular com tais imagens uma sensação próxima à sentida quando se escuta uma grande sinfonia, porém, tal simulação dificilmente possa substituir todas as sensações auditivas

que um rádio possa emitir.

Deste modo para o Humanismo a técnica e tecnologia estão intimamente relacionados ao contexto no qual são desenvolvidos, não podendo ser estudados como uma parte isolada do todo, senão como uma parte orgânica deste.

2 A SOCIEDADE TECNOLÓGICA

Com o alerta global dado em 2007 por estudiosos da ONU acerca de uma catástrofe ambiental que pode estar prestes a acontecer, surge uma preocupação crescente com a diminuição da poluição e com a produção de tecnologias limpas.

A discussão da importância de que as gerações atuais e as que virão norteiem seus atos na direção de colocar o ser humano como o valor central e a preservação de seu *habitat* como uma prioridade, está na pauta do dia. São muitos os humanistas que em torno do mundo trabalham para que isso ocorra, por exemplo o ex-presidente soviético, Mikhail Gorbachev, que está a frente da ONG Cruz Verde e faz uso de seu prestígio internacional para estimular que governos adiram à Carta da Terra, tal como fizeram à Carta dos Direitos Humanos; ou Silo, um dos fundadores do Movimento Humanista, que está empenhado em uma campanha internacional pelo desarme nuclear.

E para que mais pessoas compreendam e se envolvam em lutas como estas (que levam em seu âmago a questão da humanização da tecnologia) é necessário evidenciar a raiz deste fenômeno que coloca o desenvolvimento técnico-científico a serviço de uma globalização que só tem em conta o lucro e crescimento das grandes corporações.

Geralmente, o desenvolvimento tecnológico é apresentado com entusiasmo e otimismo e a tecnologia colocada como o facão que abre a trilha do progresso, sem contudo se verificar quais as motivações e conseqüências do dito progresso. Há um foco no “como fazer”, deixando-se de lado a questão do “porque fazer”, implicando em uma aceitação tácita das causas e efeitos do desenvolvimento como se estes fossem um caminho natural a ser trilhado, algo inevitável com o que não é necessário se ocupar e a reflexão sobre estes temas acaba sendo considerada por muitos como algo anacrônico,

que deveria estar relegado aos tempos em que a humanidade tinha algum poder de influenciar a direção do dito progresso.

Tal atitude é divergente da atitude humanista, pois de certa forma instala o progresso tecnológico como o mais alto valor, tornando-o intocável, mesmo que neste “avanço” as condições favoráveis à vida humana em sua plenitude sejam sistematicamente desmanteladas.

A reflexão é uma ferramenta importante com a qual a humanidade conta para poder mudar suas atitudes e transformar o modo pelo qual interage no mundo. Por tanto, neste ponto se refletirá acerca dos efeitos colaterais daquilo que é considerado “progresso” e o que leva a humanidade a optar por este modelo de desenvolvimento tecnológico que está baseado em um sistema de poder centralizado na mãos de poucas “autoridades” e é freqüentemente relacionado às corporações e aos Estados, se referenciando em valores que distam muito dos valores humanistas.

2.1 O Fenômeno Técnico

Antes de dar início à investigação das contradições existentes no emprego da técnica é importante se perceber que o fazer técnico não está dissociado nem da subjetividade humana, nem do espaço no qual é realizado.

O fenômeno técnico é integrado pelo meio, pelas tecnologias e pelo ator. Estes três fatores interagem e podem se influenciar mutuamente.

Quando o ser humano é um destes atores, sabe-se que ao empregar a técnica tem uma intenção de transformar o meio no qual vive. Esta interação homem-meio será limitada pelas técnicas disponíveis, porém há um outro fator importante que condiciona tal fazer: A moral humana.

Como se sabe o ser humano é um ser cultural, social e político. A sua cultura e valores lhe dão uma moral que referencia a sua ação; A sua característica social lhe permite viver em comunidades, interagindo com outros seres humanos; A sua capacidade política o permite avançar e retroceder em seus propósitos de modo que possa empregar os dons da comunicação para assim resolver os detalhes da vida em comum.

Estas três características do ser humano, que permitem por exemplo que todos os domicílios possuam facas e outros objetos cortantes, sem que tais instrumentos sejam considerados armas, pois seu uso é condicionado por uma moral que preza pela vida social.

Com isso percebe-se que o fenômeno aqui estudado além de ser condicionado pelo meio existente e pela tecnologia disponível possui um condicionamento moral. Desta forma, os 3 fatores do fenômeno se relacionam e se influenciam mutuamente e uma transformação no meio, reflete em uma transformação no ser humano e conseqüentemente na técnica empregada.

Por exemplo, a destruição ambiental acelerada no pós guerra, está colocando o ser humano em uma postura reflexiva acerca de suas ações e percebe-se que desde o final da década de 80 a opinião pública tende a seguir a vanguarda ecologista transformando seu agir, progressivamente preferindo se utilizar de tecnologias que produzam menos impactos ambientais.

A transformação da tecnologia então, deve ser vista como integrante de uma transformação do fenômeno tecnológico como um todo, transformação esta que deve ser conduzida de forma simultânea.

A humanidade transforma o seu agir técnico e o meio na medida em que lhe

confere um sentido diferente.

Esta transformação como será visto no próximo item não necessariamente possui um sentido libertador, portanto a importância do ser humano guiar esta transformação de modo a superar a dor e o sofrimento em si e naqueles que o cercam.

2.2 As transformações no Meio

Milton Santos em sua obra “A natureza do espaço”[SANTOS, 1996 : 187-197] demonstra que da pré história até o mundo contemporâneo, a relação homem-mundo foi se transformando, com três estágios que merecem consideração, o “Meio Natural”, “Meio Técnico” e “Meio Técnico-Científico-Informacional”.

O “meio natural” é um quadro onde a natureza é um regulador constante e as ações humanas são incorporadas rapidamente, sem produzir grandes desequilíbrios naturais. As técnicas e os trabalhos estão em harmonia com os benefícios naturais. Este quadro é associado aos primórdios da humanidade, onde os sistemas técnicos já existiam, porém não tinham autonomia, vivendo em simbiose com a natureza. A motivação da técnica e os limites de sua utilização advinham da sociedade local, estes limites freqüentemente tinham em conta a conservação do meio, possibilitando a sua reutilização.

No estágio relativo ao “meio técnico” *“há a emergência do espaço mecanizado. Os objetos que formam o meio não são, apenas, objetos culturais; eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo. Quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do “natural” e do “artificial”*”[SANTOS, 1996 : 189], pode-se dizer que os

objetos são culturais pois possuem um significado construído pelo homem e técnicos, pois são artificiais.

Neste cenário, os objetos técnicos, maquinicos, não estão mais em harmonia com a natureza, possuindo uma lógica instrumental que desafia às lógicas naturais, estabelecendo uma relação conflitante, triunfando sobre o natural. Por conta disso, os objetos são considerados “superiores”, dando ao ser humano o poder para enfrentar a natureza.

O ser humano supera o espaço, ao conseguir transpor grandes distâncias de formas cada vez mais velozes e o tempo, ao se tornar cada vez menos dependente das estações do ano, ou do dia e da noite.

O aperfeiçoamento do meio técnico foi em grande parte uma exigência do comércio crescente, assim, a implantação de sistemas técnicos, deixa de levar em conta à razão da natureza, ou seja, uma preocupação do ser humano com a preservação de seu meio natural, para no futuro reutilizá-lo, e dizem cada vez mais respeito à razões comerciais.

Perceba-se que neste momento histórico mencionado por Milton Santos, os sistemas técnicos não são generalizados, estando limitados a poucos países e regiões, na grande maioria composta por países industrializados e grandes cidades. E a expansão deste cenário gerou forte resistência, criando uma reação anti maquinista protagonizada por movimentos ludistas ao longo do século XIX, os efeitos nas cidades também eram visíveis, a poluição do ar e de rios já eram notáveis.

Diferentemente do estágio anterior, que vivia em função do consumo local, neste novo cenário, houve um aumento da importância da troca na sobrevivência e também a importância do componente internacional.

O terceiro estágio citado por Milton Santos, o “meio técnico-científico-informacional” começa a se delinear no cenário do pós guerra, por volta de 1970. Nele deve-se encarar a técnica, a ciência e o mercado global como um conjunto.

O comércio estimulou a aplicação da ciência na produção de novas técnicas com a finalidade de aumentar a capacidade produtiva e logística. O que produziu um salto qualitativo facilitando o estabelecimento de uma economia global.

Ademais, a natureza deixou de ser parte significativa do meio ambiente, tendo sua importância reduzida à uma fonte de matéria prima. Já o espaço produzido pela técnica é cada vez mais denso(mais povoado de objetos técnicos) e transformou-se no meio de existência de boa parte da população.

Estes objetos técnicos, são técnicos e informacionais e a informação não está presente apenas neles, mas é necessária na ação sobre eles.

Por exemplo, uma lente produzida na China está associada a uma informação que permite a um escritório de exportações em Nova Iorque vendê-la diretamente a um fabricante de telescópios na Austrália.

A informação assume uma importância tão fundamental no processo social, que os territórios são reordenados de modo a facilitar a sua circulação.

Segundo Santos, esta requalificação dos espaços atendem aos interesses dos atores hegemônicos da economia, política e cultura, que são os principais responsáveis pela globalização.

O aumento da produção e dos capitais fixos e constantes, em conjunto com uma maior especialização de territórios, leva a um aumento da necessidade dos fluxos, também financeiros, criando uma rede de relações que cresce a cada dia.

No estágio anterior, o meio técnico estava quase em sua totalidade circunscrito aos

espaços urbanos, atualmente, o tecnocientificismo está presente também na zona rural. Graças aos avanços da biotecnologia e outras ciências agrícolas é possível se produzir muito mais por unidade de espaço. Assim o espaço rural está sendo transformado, ao invés de minifúndios, com pouca capacidade de investimento e produção, latifúndios com monoculturas voltadas à exportação. Esta especialização do campo leva a uma necessidade do aumento da produção, que por sua vez, leva a uma ampliação da área de intercâmbio.

O campo vai se convertendo aos poucos de um objeto natural, em um objeto técnico-informacional. As fotografias de satélite e os radares meteorológicos acabam conferindo informações valiosas, que agregadas a conhecimentos científicos ajudam os empresários a terem uma melhor relação entre investimento e produto.

Desta forma a ciência associada à técnica, com o objetivo de potencializar os lucros dos investidores produziu uma grande transformação na paisagem mundial e hoje ajuda na construção de um mercado globalizado, que como coloca Rubia, “não respeita a diversidade, nem a autonomia dos estados nacionais, nem a identidade das culturas e povos”. [RUBIA, 2006 : 54]

2.3 Os protagonistas da sociedade tecnológica

Não é por acaso que a transformação do Meio tem favorecido muito mais as relações econômicas do que a justiça social. Ocorre que os protagonistas de tal progresso são líderes de grandes corporações ou estão ligados à elas de uma forma carnal. E tais empresas em sua ação sufocam a formação de um espaço humanizado na medida em que dispõe da humanidade como mais um dos recursos necessários para

alcançar seus objetivos.

Estes homens foram eficientes na articulação de uma ideologia que entende o desenvolvimento econômico como a única forma de criar as condições de um desenvolvimento social auto sustentável, sendo portanto prioridade. Os Estados e povos então acedem em fomentar a indústria, percebendo que desta forma estarão realizando um investimento social indireto e os empresários sentem-se no direito de pressionar os governos a cortarem gastos sociais em saúde, educação e outras áreas e invistirem na economia. E desta maneira boa parte da humanidade se submete a um quadro de injustiça social, enquanto empresários sorridentes freqüentam os programas televisivos distribuindo previsões otimistas que postergam para a próxima década os benefícios daquele grande “investimento social” que o governo está realizando. E assim, década após década os investimentos econômicos vão sendo realizados, os benefícios sociais reduzidos e as previsões postergadas.

Onde o Estado foi resistente a este apelo, os capitalistas financiaram a formação de novos políticos coadunantes com seu pensamento, no Brasil por exemplo, entre 1930-64, quando Eugênio Gudin, o pai do liberalismo nacional foi o nome mais influente na economia do país e traçava os planos econômicos defendidos pela UDN, o setor empresarial sentia que seus interesses não seriam ameaçados, porém, durante o governo reformista de Jango e com a tendência que a situação se radicalizasse ainda mais com a eleição de Miguel Arraes ou Leonel Brizola(dois adversários notórios do liberalismo) colocou-se em execução um plano arquitetado pela Escola Superior de Guerra(um grupo formado por militares e empresários) envolvendo o apoio da embaixada estadunidense e a tomada do poder político através de um golpe militar. Após tal manobra um discípulo de Gudin, Roberto Campos e depois Delfim Netto

delinearam uma política econômica cuja proposta era fazer o bolo crescer, para depois distribuí-lo, ou seja, investir dinheiro público de uma maneira que favorecesse a vinda para o Brasil de novas indústrias e assim, de uma forma automática estas iriam produzir um aquecimento econômico no país, favorecendo que as classes menos favorecidas tivessem acesso de forma indireta, porém duradoura aos lucros gerados pelos grandes investimentos de capital estatal.

Esta forma de agir se provou ineficaz, na busca de sempre maiores lucros e eficiência, um empresário não se compromete com a sociedade que o financiou, podendo de um momento para o outro comprar um parque de máquina automatizado e cortar metade do número de funcionários, ou como é comum atualmente, migrar suas plantas para uma região onde encontre maiores benefícios fiscais ou menores custos com pessoal.

Através da “conquista” dos centros de decisão política, alguns grupos conseguem modelar a forma como a tecnologia vai sendo aplicada e desenvolvida.

Os interesses empresariais orientam hoje muitas ações governamentais, por exemplo, a decisão de alguns governos de não fomentar a pesquisa científica e delegá-la para o setor privado, é uma forma de colocar os investimentos públicos que pagaram um centro de excelência em pesquisa, à serviço dos interesses dos que podem financiá-lo por um período acertado.

Porém, o ponto estratégico dominado pelos atores hegemônicos foram os meios de comunicação. As vantagens financeiras e tecnológicas de empresários, possibilitaram que tivessem acesso a equipamentos de preços proibitivos necessários para que conseguissem as concessões de meios de comunicação de massa. Que foram utilizados para incutir a crença da economia liberal em boa parte da sociedade, levando as pessoas

a acreditarem que o processo que conduz ao surgimento de um mercado global é inevitável, pois é uma evolução independente da intenção humana, é automática e só está subordinada a uma lei, a lei do mais adaptado, uma aplicação nas sociedades humanas da Teoria da Evolução das Espécies.

Percebe-se com isso que o desenvolvimento tecnológico produzido por tais homens, está intimamente relacionado com a ciência. Psicologias behavioristas foram utilizadas no desenvolvimento de técnicas de controle e convencimento mais eficazes, a física foi utilizada para ampliar o poder das cadeias midiáticas e, como é colocado por Rubia[RUBIA, 2006 : 55-56], os capitalistas, através de seus tecnocratas, de seus governos de plantão e dos meios de comunicação tendenciosamente criaram uma metáfora de mundo que ajuda a incutir no pensamento das massas um caleidoscópio de crenças e modelos considerados mais válidos. Os acontecimentos são mostrados através de uma óptica que vai *“interpretando estes feitos desde seu particular ponto de vista, com uma capacidade de mascarar os atos verdadeiramente assombrosos: as invasões armadas são “para manter a paz”, as guerras são “humanitárias” e “preventivas”, o maior controle dos cidadãos é “em prol da segurança e liberdade”, a privatização da saúde e da educação e para que sejam “mais eficazes, melhores e mais baratas”, a privatização da água, gás, eletricidade, bancos, etc., são para ter “melhores serviços a menor custo”. É uma cerimônia da confusão onde começa a dar a sensação de que o que se diz é exatamente o contrário do que se faz. Nas guerras, os de um bando são libertadores da população, e os adversários são terroristas sangüinários”* .[RUBIA, 2006 : 55-56]

2.4 Princípios norteadores

Observando-se as guerras, a degradação ambiental, o aumento de mortes ligadas a problemas respiratórios e outros efeitos colaterais do “progresso”, pode-se verificar que ele não é guiado pelos mesmo princípios que o Humanismo.

O humanista Erich Fromm, em seu livro “A Revolução da Esperança, por uma tecnologia mais humanizada”, realiza uma reflexão sobre este assunto, onde aponta dois princípios que no sistema social atual *“orientam os esforços e os pensamentos de todos os que trabalham nele: O primeiro princípio é a máxima de que algo “deve” ser feito porque é tecnicamente “possível” fazê-lo. [...] O segundo princípio é o da “eficiência” e “produção máximas”*”. [FROMM, sem data : 47]

O primeiro princípio, caracterizado pela falta de sentido no desenvolvimento, *“representa a negação de todos os valores que a tradição humanista desenvolveu. Essa tradição dizia que algo deveria ser feito porque é necessário ao homem, ao seu crescimento, alegria e razão, porque é belo, bom ou verdadeiro. Uma vez aceito esse princípio de que algo deve ser feito porque é tecnicamente viável, todos os outros valores são destronados, e o desenvolvimento tecnológico passa a ser a base da ética”*. [FROMM, sem data : 47]

E sobre o segundo princípio, caracterizado pela “desumanização” do ser humano, avança Fromm que *“a exigência da eficiência máxima conduz, como consequência, à exigência da individualidade mínima”* [FROMM, sem data : 47], assim a máquina social será mais eficiente se as pessoas tiverem um comportamento padrão, que não surpreenda os administradores de “recursos humanos”.

Tal como a aurora da indústria automobilística adotou o uso de peças intercambiáveis diminuindo o custo de produção e manutenção de um veículo, a sociedade industrial desde seu nascimento doutrina a humanidade para que as pessoas sejam recursos igualmente intercambiáveis, se ajustando de melhor forma aos domínios da burocracia, trabalhando como máquinas, em movimentos repetitivos e previsíveis e quando estiverem “obsoletas”, podem ser substituídas por um novo recurso, sem que isso ocasione grandes perdas para o processo produtivo.

2.5 O processo de “desumanização” do Ser Humano e a sua consequência: a passividade

Como coloca Mumford, desde o século XV o pensamento mecânico e a experimentação engenhosa agiram em reciprocidade com uma organização social que favorecia a “mecanização” do homem[MUMFORD, 1946], porém *“muito antes dos povos do Mundo Ocidental terem se orientado até a máquina, o mecanicismo como elemento da vida social já havia entrado em existência. Antes dos inventores criarem máquinas para substituir os homens, os condutores de homens haviam disciplinado e organizado a multidões de seres humanos: haviam descoberto a maneira de reduzir os homens a máquinas.[...] os escravos que trabalhavam nas galeras romanas, cada um deles acorrentado a seu assento e incapaz de executar outra ação que o movimento mecânico que lhe havia sido destinado; a ordem, a marcha e o sistema de ataque da falange macedônica, eram também fenômenos próprios da máquina”*. [MUMFORD, 1946]

No século XV, tanto a “indústria”, quanto os príncipes absolutistas, tinham um

interesse em comum, *“fazer os homens ajustarem-se com maior subserviência ao molde de uma máquina maior, que era o Estado, ou a fábrica ou o escritório.[...] suprimindo toda tendência a ação autônoma (leia-se “não autorizada”), o déspota procurava fazer que homens se tornassem sensíveis a simples palavras de ordem”*. [MUMFORD, 1955 : 202]

Como bem explica Mumford [MUMFORD, 1955 : 202-203] o sucesso de tal empreitada não obteve êxito imediato em nenhum dos campos onde foi implementado, foram necessários séculos de tirania e violência, para que o ser humano se subordinasse a estas práticas, com ações muitas vezes consentidas por doutrinas ditas científicas. Deve-se ter em conta que não haveria como denunciar de pronto tais pensamentos como não científicos, afinal a moderna ciência se formou dentro do mesmo espaço despótico e mecanicista, compartilhando desta sensibilidade que enxergava no ser humano um “recurso”, realizando desde sua gênese ensaios comparando o ser humano a uma simples máquina, um ajunte de ossos, veias e músculos engenhados por Deus,(eles não tinham cortado seus laços com outra grande crença da época, a religião católica) porém apontava na direção de provar que um ser humano era destituído de qualquer fator “espiritual”, sendo simplesmente um ajunte de elementos químicos compráveis em qualquer farmácia e que poderia ser “manipulado” por alguém munido de conhecimentos acerca das leis naturais. Tais explicações assombravam pela indiferença com que se colocavam frente à realidade humana.

Ainda nos dias atuais *“a desumanização em nome da eficiência é por demais comum; Do ponto de vista limitado das finalidades imediatas da companhia, isso pode resultar em trabalhadores dóceis e controláveis e, assim aumentar sua eficiência. Em termos dos empregados, o efeito é o de criar sentimentos de incapacidade, ansiedade e*

frustração que podem levar ou à indiferença ou à hostilidade”. [FROMM, sem data : 49]

Assim como há 500 atrás, há uma crescente carência de sentido e conteúdo da vida. O ser humano que vive na cidade está reduzido a seu papel exercido no sistema social, um exemplo disso pode ser visto em programas de televisão que entrevistam pessoas nas ruas: o nome da pessoa é sempre seguido de sua função social ou profissão.

Para compensar a perda do sentido da ação, o sistema que centraliza o poder contrabalanceia a angústia gerada pela alienação com alguma válvula de escape social.

Talvez o exemplo mais significativo possa ser visto na corte de Luís XIV, onde 10.000 nobres eram mantidos em Versalhes como cortesãos, de modo que não exercessem seu poder político, deixando-o todo na mão do rei.

Para conseguir tal façanha o Rei Sol estimulava *“uma excitação vã dos sentidos, acompanhada de uma suspensão dos deveres cívicos e da promiscuidade sexual. O amor do luxo é uma espécie de corrupção ainda mais insidiosa do que o amor do dinheiro, porque provoca mais diretamente uma variedade de necessidades humanas inteiramente normais. O luxo prolonga os prazeres além de sua duração fisiológica natural e com o tempo deforma a personalidade, fazendo que o prazer, só ele, tome o lugar de todo um círculo de interesses, tarefas, deveres, sacrifícios, alegrias e cometimentos que constituem a vida do homem[...] Vinho, canções, danças, amores, gozos visuais, são tudo partes orgânicas de uma vida mais ampla; quando porém dominam a vida e se transformam em seu único objeto, conduzem então a uma desintegração psicológica”*. [MUMFORD, 1955 : 203-204]

Assim, Luís XIV conseguia manter seus nobres tão entretidos na busca do prazer, que estas pessoas não tinham tempo com isso de pensarem no poder que estavam deixando de exercer.

Hoje um recurso muito empregado para manter as pessoas sob domínio é o consumismo.

Na obra de Fromm que está sendo analisada há uma explicação que pode ser a chave do entendimento de tal questão. Segundo ele, este modelo de organização social, o mesmo ao qual se refere Mumford, “*reduz o homem a um apêndice da máquina, governado pelo seu próprio ritmo e exigências. Ela o transforma no **Homo consumens**, o consumidor total, cuja única meta é **ter** mais e **usar** mais. Essa sociedade produz muitas coisas inúteis e, no mesmo grau, muita gente inútil. O homem, como um dente de engrenagem da máquina de produção, torna-se uma coisa e deixa de ser humano. Ele passa o tempo fazendo coisas nas quais não está interessado, produzindo coisas nas quais não está interessado; e, quando não está produzindo, está consumindo. Ele é o eterno lactente de boca aberta, “absorvendo” sem esforço e sem atividade interior tudo o que a indústria que impede o tédio (e produz o tédio) lhe impinge _ cigarros, bebidas, filmes, televisão, esportes, conferências _ , limitado unicamente pelo que ele pode dar-se ao luxo de ter.*

[...]A passividade do homem na sociedade industrial é hoje um dos seus traços mais característicos e patológicos. Ele aceita, quer ser alimentado, mas não se mexe, não começa, não digere, por assim dizer, o seu alimento. Ele não readquire de um modo produtivo o que herdou, mas o acumula ou consome. Ele sofre de uma séria deficiência sistêmica que não difere muito da que encontramos, em formas mais extremas em pessoas deprimidas.

A passividade do homem é apenas um sintoma numa síndrome total que podemos chamar de “síndrome de alienação”. Sendo passivo ele não se relaciona ativamente com o mundo e é forçado a submeter-se aos seus ídolos e às suas exigências. Por

consequente sente-se indefeso, solitário e ansioso. Tem pouco senso de integridade ou de identidade própria. A submissão parece ser a única maneira de evitar a ansiedade intolerável, e mesmo a submissão nem sempre alivia a sua ansiedade”. [FROMM, sem data : 53-54]

Assim tanto os déspotas do passado, quando os do presente, se utilizaram de toda sorte de artifícios para tornar o ser humano mais maleável aos seus comandos, avançando com isso na construção de uma máquina colossal, que necessita da submissão de muitos para que seus mecanismos e circuitos funcionem eficientemente. A tendência monopolizadora do atual modelo de globalização só contribui para que esta máquina seja maior ainda. Não impressiona portanto a idéia, exibida em muitos contos de ficção científica, de um futuro onde estes déspotas foram substituídos por computadores loucos que controlam a humanidade inteira.

2.6 O transfundo hedonista da sociedade tecnológica

Realizando uma rápida análise das estruturas sociais que estão na vanguarda do desenvolvimento tecnológico, percebe-se que um grande contingente humano se mantém passivo e que para manter esta situação sob controle, as “autoridades” se utilizam de duas técnicas: a coerção e a sedução.

Eles coagem as pessoas com as mais variadas formas de violência, desde a ameaça de agressão física, até a ameaça velada do desemprego e da miséria. Porém a sedução é mais eficaz, porque além de manter a pessoa passiva, a mantém motivada. Ela geralmente é realizada com a apresentação de imagens compensatórias aos indivíduos,

induzindo-os a chegarem a um determinado objetivo para serem recompensados por seu esforço.

Por exemplo, adolescentes se esforçam para estudar e entrar em uma faculdade, pois desejam ao final serem recompensados com um bom emprego no mercado de trabalho e assim se realizarem como *homo consumens*.

Outro exemplo pode ser verificado nos malabarismos que os técnicos em convencimento do grande público(publicitários) realizam para conseguirem vender seus produtos, associando-os a imagens que compensem o enfado da vida cotidiana nas grandes empresas. Aos grandes executivos, que passam o dia inteiro enjaulados em uma sala de reuniões, se procura vender carros esportivos através de peças publicitárias que exibam um certo clima de liberdade; aos operários, que trabalham por meses a fio mal vendo a luz do dia e convivem com mulheres envelhecidas pelo sofrimento cotidiano de não saber o que cozinhar para os filhos, se estimula o consumo de cerveja, como algo reanimador, associado à diversão, praias ensolaradas e mulheres jovens e esguias.

Assim o sistema social de um lado condiciona e submete as pessoas a realizarem repetições mecânicas e de outro estimula que busquem em seus momentos de folga realizar todo tipo de ações que compensem este desequilíbrio, sem que tais ações ofereçam desestabilidade ao próprio sistema.

Tal forma manipuladora utilizada pelo sistema social é baseada em uma visão hedonista, que percebe o ser humano como alguém condicionado pelos seus desejos e medos, que ao ser exposto a um estímulo externo agirá de um modo sempre reflexo.

Como coloca Veblen, “*O conceito hedonista de homem é o de um instantâneo calculador de prazeres e dores, que oscila como um glóbulo homogêneo de desejo de felicidade, sob o impulso de estímulos que o movem [...] mas o deixam intacto. Ele não*

tem antecedente nem conseqüente; é um dado humano isolado e definido, em equilíbrio estável, exceto pelos golpes das forças incidentes que o deslocam numa ou noutra direção. [...] Quando a força do impacto se esvai ele entra em repouso, um glóbulo de desejo independente, como antes. Espiritualmente o homem hedonista não é o agente motor. Ele não é a sede de um processo de vida, exceto no sentido de que está sujeito a uma série de permutações que lhe são impostas por circunstâncias externas a ele”.[VEBLEN apud. FROMM, sem data : 54-55]

Assim a “felicidade” ocorre quando há uma compensação das necessidades materiais. Atualmente há uma tentativa de se produzir artificialmente essas necessidades, através do uso do *behaviorismo* em peças publicitárias e a tecnologia é usada para desenvolver sempre brinquedinhos mais aperfeiçoados que mantenham o interesse dos consumidores.

Se vê desta maneira como o desenvolvimento tecnológico, ao invés de ser utilizado para sanar muitos dos problemas sociais, pelo contrário serve para alimentar um sistema produtivo que tem como único objetivo produzir mais bens desnecessários que se tornarão obsoletos, tão logo cheguem às prateleiras.

Os produtos têm data de validade, em conseqüência a satisfação destas necessidades artificiais também têm, os atores hegemônicos conseguem manter boa parte da humanidade presa em uma armadilha de passividade e submissão, estimulados a prosseguir de forma alienada.

Para o hedonismo o valor de um objeto se encontra fora do ser humano e contrair e acumular bens é uma forma do ser humano ser mais feliz. Esta mesma máxima é aplicada ao sistema social, o grau de desenvolvimento de um país, por exemplo, é medido através da taxa de aumento de seu produto interno bruto(PIB).

E desta forma um país faz de conta que a condição de vida de seus cidadãos irá melhorar conforme se resolva a questão de como tornar ainda mais rápida e maior a produção de bens, camuflando assim um dos maiores problemas sociais atuais, “*o da distribuição equânime tanto da riqueza como do trabalho necessário a produzi-la.*”[DE MASI, 1999 : 63]

Com isso, o desenvolvimento tecnológico assume o papel de algoz que produz sempre mais desempregados tecnológicos, se tornando “*um espantinho para manter os trabalhadores disciplinados, com um rendimento eficiente e um comportamento competitivo.*”[DE MASI, 1999 : 41]

Ou, como declarou Bosquet, “*para que os alicerces da ordem vigente não sejam abalados[...] será dito às pessoas que há o perigo do trabalho vir a faltar em vez de esclarecer que não mais é preciso se matar de tanto trabalhar.[...] As promessas de automação serão apresentadas como ameaças ao posto de trabalho, tentar-se-á atizar os trabalhadores para que briguem entre si pelos raros postos de trabalho que sobraram, em vez de estimulá-los a batalhar juntos por outra realidade econômica. De fato, o desemprego não é apenas uma consequência da crise mundial, é também uma arma para reinstituir a obediência e a disciplina nas empresas[...]. Agora, uma coisa é certa, ninguém fará carreira na profissão que aprendeu; essa profissão será transformada, simplificada, desqualificada ou meramente suprimida pela microeletrônica. Todos, somos potencialmente um supranumerário*”[BOSQUET apud DE MASI, 1999 : 64].

Esta sensibilidade hedonista, que é o transfundo da sociedade industrial, favorece a constituição de uma estrutura violenta que emprega a tecnologia de forma coercitiva e sedutora ao mesmo tempo. O desenvolvimento da microeletrônica revelou uma

profunda contradição neste modelo, o desemprego tecnológico ocorre bem mais rapidamente do que a capacidade de absorção das novas áreas criadas pela evolução tecnológica, e desta forma, o crescimento da produção e da importância do consumismo se realiza em paralelo a um aumento no número de desempregados. Não é necessário uma argumentação muito extensa para mostrar que enquanto se continuar reforçando um modelo social hedonista que favoreça um acúmulo de riquezas para aqueles que organizam a produção e dificulte a sub-existência de boa parte da humanidade, chegará um momento que não haverá quem consuma a quantidade cada vez maior de produtos que são despejadas nas gôndolas dos supermercados e nas vitrines dos *shoppings*.

A transformação deste transfundo hedonista, para um transfundo humanista, possibilitaria a resolução desta contradição, à medida em que estimulasse que as benesses do progresso tecnológico não ficassem circunscritas a uns poucos grupos e fossem distribuídas de forma a favorecer todos os membros de uma sociedade, assim, não se estimularia por exemplo, o aumento da produção ou do consumo, pelo contrário, em uma sociedade baseada em uma visão humanista de ser humano, o aumento da velocidade das máquinas seria utilizado para produzir os mesmos bens que são necessários atualmente, em menos tempo. O consumo também assumiria uma outra conotação, pois diferente do hedonismo, que percebe o valor em artefatos exteriores ao ser humano, o humanismo percebe que a consciência humana é a atribuidora de todos os valores. O homem então não precisaria ter mais, para assim se sentir mais feliz, para isso necessitaria apenas realizar-se como ser humano e desta forma seu consumo não estaria condicionado às vontades do produtor, mas estaria integrado à sua vida, ajudando-o na satisfação de suas reais necessidades.

2.7 Ausência de responsáveis

Como foi visto, durante o processo de formação da sociedade industrial foi realizado um longo processo de doutrinação e de transformação das estruturas sociais de modo que uma grande parte da humanidade passivamente se deixasse subordinar ao julgamento de especialistas. Tais especialistas, por sua vez, constroem seu conhecimento de forma dissociada do todo social, sendo guiados pelos interesses de um poder centralizador.

Em um período anterior, uma só pessoa realizava dezenas de funções sociais e tinha uma certa liberdade de decidir de qual maneira realizaria cada uma das tarefas. Em cada uma destas decisões, se reafirmava seu poder e muitos seres humanos conseguiam, mesmo submetidos a uma condição servil, manter uma certa autonomia em relação a seus senhores.

Parte da estratégia de centralização do poder era tirar das pessoas esta capacidade de decisão e de autonomia, transformando-as em bonecos obedientes e passivos, que sempre se pautam em alguma ordem ou diretriz do mestre para agirem.

A forma que os organizadores do Estado e da produção encontraram para realizar tal proeza, foi reordenar a sociedade de tal jeito que cada homem se ocupe e se especialize apenas em uma tarefa e ao se especializar tenha a validade de seu conhecimento avaliada por parâmetros que estejam de acordo com os quereres dos líderes.

E, quando cada indivíduo realiza a tarefa específica que lhe coube, deve se preocupar apenas com uma questão, ser eficiente em alcançar os objetivos traçados por

seu mestre.

Com este tipo de reordenação do trabalho produzido pela sociedade industrial, as pessoas ao em vez de realizarem as diversas atividades sociais necessárias para a sua vida, se dedicam em uma única ocupação e usam o ordenado recebido para pagando especialistas que realizarão todas as tarefas que não pode fazer.

Pode-se concluir disso que o homem não tem bem claro o sentido daquilo que realiza, pois o real sentido de sua ação é conseguir manter-se vivo com o pago que receberá ao final de seu trabalho.

No momento histórico anterior, o ser humano percebia claramente o porquê de sua ação no mundo e por conta disso tinha condições de verificar se aquilo que realizava era coerente com o sentido que desejava imprimir à sua vida, porém, no processo de especialização das funções, houve uma cisão entre a ação e o sentido, de modo que as pessoas delegam a seu superior, o responsável pela ordem, a verificação da validade moral da ação que realizam.

Por exemplo, um engenheiro que se considera um “bom cidadão”, cumprindo com todos os seus deveres sociais: trabalho, família, igreja, etc., pode trabalhar na fabricação de componentes utilizados em armas de destruição em massa. Ele realiza seu trabalho, sem refletir no “para quê” de sua ação.

Assim, a utilização da tecnologia dentro desta sociedade onde os cidadãos se alijam da responsabilidade de compreender as conseqüências de seus atos leva a uma situação onde ninguém se percebe como responsável por seus atos.

O operário participa do fabrico de munição para armas de assalto, (que dificilmente serão utilizadas para caçar raposas) ele não se sente responsável pela matança que aquelas capsulas podem fazer, mesmo considerando que a utilização ótima

daquela munição será atingir o corpo de uma pessoa, ele cumpre ordens de um encarregado.

O encarregado por sua vez também não tem preocupação com a matança, ele trabalha porque necessita, poderia tanto trabalhar em uma fábrica de munições, quanto em uma de livros educativos que o seu interesse pelo que é produzido não seria maior. Se ele mantém os operários na linha, não é porque deseja que mais pessoas possam ser assassinadas, mas sim porque recebeu uma ordem do gerente.

O gerente e o dono já entendem um pouco mais da questão das guerras, ao ponto de se sentirem contentes quando vêem o presidente de seu país(seu principal cliente) afirmando que as tropas nacionais irão entrar em uma batalha, pois enxergam nessa possibilidade de chacina uma relação direta entre guerra e lucros. Porém, eles entendem que não tem responsabilidade alguma na matança que poderá ser perpetrada, é uma situação conjuntural do mercado. O mercado demanda por munições e se eles não a fabricarem, outros fabricarão e os homicídios ocorrerão da mesma forma e eles terão perdido uma boa oportunidade de ganhar dinheiro. Assim, eles também consideram que há uma vontade superior à deles, seja a do mercado, seja a da pátria, etc.

Um governante por sua vez, quando decreta a guerra, se isenta da responsabilidade de seus atos pois entende que está sob pressão de grupos econômicos, (entre eles os próprios fabricantes de armas) da opinião pública e dos militares.

E dessa maneira toda a sociedade se coloca de acordo em realizar uma guerra e desde o soldado que está no *front* até a senhora que está na frente da televisão assistindo a tudo, dificilmente haverá quem se sinta responsável por tal escolha, pois todos de certa forma crêem no modelo hedonista, onde o ser humano age circunstancialmente respondendo a um estímulo negativo ou positivo de forma mecânica sem margem para

escolhas. Só há um responsável pelo país entrar na guerra: o inimigo.

Não se considera que o inimigo tenha uma intenção, se ele age de forma que causa incômodos ao país é porque é mal. Ou seja, observa-se o outro desde o “para mim”, colocando-o não como um ser humano, mas como um objeto com o qual se interage. Com um objeto que causa incômodo não há a possibilidade de diálogo, geralmente deve-se afastá-lo, dominá-lo ou destruí-lo, sem a necessidade de se compreender suas perspectivas.

Assim, os organizadores do sistema social, através de seus tentáculos ramificados em quase todas as estruturas sociais, vão ordenando uma série de ações que tem como objetivo lhes trazer mais riquezas. São poucas as pessoas com um discernimento crítico o suficiente para conseguirem relacionar a pequena parte que realizam com o todo social e verificar os efeitos colaterais que esta sua ação possa ter. Geralmente as consequências são vistas como questões isoladas, que existem por si e não tem relação ao modo de vida da sociedade industrial.

Se muitas pessoas ficam doentes ou morrem com problemas respiratórios, não se traça a relação com o uso de veículos de passeio; Se há um aumento nos casos de *stress* e acidentes vasculares, não se relaciona isso ao fato da competição estar se tornando uma máxima da vida nas empresas, escolas, etc.

E dentro deste panorama, máquinas são inventadas para acelerar a execução de tarefas, acelerando com isso as consequências negativas relacionadas a tais ações.

Humanizar o desenvolvimento de máquinas então, passa por uma reestruturação do sistema social, de tal forma, que as pessoas aprendam a ter um olhar crítico sobre as ações que realizam no seu dia a dia e reaprenderem a ter autonomia, para não praticar os atos que consideram incoerentes com aquilo que desejam para seus futuros. E os

cientistas e técnicos ao planejarem seus equipamentos precisam considerá-los integrados a um todo, evitando assim efeitos colaterais indesejados.

2.8 Outras características

Verifica-se que na sociedade industrial o planejamento realizado considera que as condições futuras de desenvolvimento serão análogas ou melhores que as situações atuais. Há uma ilusão de progresso crescente, favorecida por um veloz desenvolvimento tecnológico e assim, por mais que a sociedade viva sucessivas crises, há uma crença de que não haverá uma desestruturação do atual modelo social. Esta crença provavelmente surja de uma forte característica deste momento histórico, o amor à estabilidade. Como verifica Fromm[FROMM, sem data : 58-60] não é apenas a valorização do intelecto que leva ao desenvolvimento técnico, é também uma profunda atração emocional pelo mecânico e por tudo que não é vivo, por tudo que é feito pelo ser humano. Atração esta que nasce da necessidade de controlar a vida, para que os imprevisíveis movimentos daquele que tem liberdade não desequilibrem a sociedade. *“Essa atração pelo não-vivo, que, em sua mais extrema forma é uma atração pela morte e pela corrupção(necrofilia), conduz mesmo em sua forma menos drástica à “indiferença pela vida”, em vez de à “reverência pela vida”. Os que são atraídos pelo não-vivo são as pessoas que preferem a “lei e a ordem” em lugar da estrutura viva, os métodos burocráticos ao invés dos espontâneos, os aparelhos ao invés de seres humanos, a repetição em lugar da originalidade, a arrumação em lugar da exuberância, o entesouramento ao gasto. Eles querem controlar a vida porque temem sua espontaneidade incontrolável; prefeririam matá-la a se exporem a ela e serem absorvidos pelo mundo que os rodeia.*

Muitas vezes jogam com a morte porque não estão arraigados na vida; sua coragem é a coragem de morrer e o símbolo de sua coragem fundamental é a roleta russa.

[...] Um sintoma da atração pelo puramente mecânico é a crescente popularidade, entre alguns cientistas e público, da idéia de que é possível construir computadores que não difiram do homem em pensamento, sentimento ou qualquer outro aspecto do funcionamento. Parece-me que o problema principal não é a possibilidade da construção do computador-homem; é, antes, saber por que a idéia está se tornando tão popular num período histórico quando nada parece ser mais importante do que transformar o homem atual num ser mais racional, harmonioso e amante da paz. Não se pode deixar de suspeitar que, muitas vezes, a atração pela idéia do computador-homem é a expressão de uma fuga da vida e da experiência humana para a experiência puramente mecânica e puramente cerebral.

A possibilidade de construir robôs que se parecem com homens pertence, se algum lugar, ao futuro. Mas o presente já nos mostra homens que agem como robôs. Quando a maioria dos homens for como robôs, então, na verdade, não haverá problemas de se construir robôs que se pareçam com homens. A idéia do computador semelhante ao homem é um bom exemplo da alternativa entre o uso humano e o inumano das máquinas. O computador pode servir à intensificação da vida em muito aspectos. Mas a idéia de que ele substitui o homem e a vida é a manifestação da patologia de hoje.”[FROMM, sem data : 58-59]

A patologia a que se refere Fromm é uma espécie de forma crônica de baixo grau de psicose compartilhado por toda a sociedade, que pode ser causado pelo desmembramento do pensar-sentir-atuar.

Fromm segue em seu texto colocando que há uma aceitação muito grande pela

idéia de que o comportamento humano é puramente instintivo, traçando relações com o comportamento dos primatas. Buscando de certa forma justificar o hedonismo que isenta o ser humano das responsabilidades de seus atos. Se eles não são intencionais, são meramente mecânicos, portanto reflexos de instintos incontroláveis. Para muita gente parece que seria interessante um cérebro completamente racional, semelhante a um computador combinado com sentimentos instintivos, como os dos primatas, assim o ser humano não teria a necessidade de responder aos questionamentos que sua existência lhe formula.

Como coloca Fromm, tal fato mascara a necessidade que o ser humano tem de sentir que aquilo que suas escolhas estão certas, pois ao contrário da idéia que o ser humano está equipado com instintos animais que respondem por si só, o ser humano tem de se confrontar com decisões o tempo todo, podendo, no caso de questões mais complicadas, ter riscos graves para a sua vida se as escolhas forem as erradas. Como consequência, o ser humano tem a intensa necessidade da certeza. A moderna ciência por exemplo, nasceu de uma tentativa de minimizar a dúvida de que as respostas a que chega são inválidas.

Durante muito tempo, esta certeza esteve ligada ao conceito de Deus e a Igreja era a sua intérprete na Terra. Com a intensa crise de corrupção que passou a Igreja Católica no fim da idade média e que levou a um progressiva desconfiança em relação à infalibilidade de suas interpretações levou ao desenvolvimento da prática científica como uma forma do ser humano se colocar diante das possibilidades de escolha de uma maneira “independente”. Os cientistas foram de certa forma, adotados como os mais habilitados a substituírem este vácuo criado pela queda da importância do julgamento religioso. Aconteceu porém uma complexificação das relações sociais, até os homens de

orientação científica perderam essa independência e “*a coragem de pensar sozinho e tomar decisões baseada em seu compromisso intelectual e emocional para com a vida. Ele quer trocar a “certeza incerta” que o pensamento racional pode dar por uma “certeza absoluta”: a suposta certeza “científica”, baseada na previsibilidade.*”

[FROMM, sem data : 63]

É neste contexto que ciências probabilísticas ganham tanta importância. Em um mundo cada dia mais instável e competitivo, aquele que conseguir prever a próxima movimentação do mercado tem uma grande vantagem econômica, e o desenvolvimento de sistemas de computadores com inteligência o bastante para realizarem estas previsões se torna um dos nortes da pesquisa e desenvolvimento.

É fato que o computador facilita o planejamento, porém um cenário onde um ser humano abdica de sua decisão, de seu juízo de valor e de sua responsabilidade, as decisões irão ficar condicionadas à intenção daqueles que construíram os sistemas de planejamento. É necessário que o ser humano seja criterioso nas decisões que tangem sua vida, considerando a intenção daqueles que possam ser afetados. O auxílio da máquina nas atividades humanas, por mais eficientes que sejam os mecanismos, não desobriga o homem de ter criticidade em cima de suas ações.

3 PROPOSTAS PARA HUMANIZAÇÃO DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

Não é a condenar o desenvolvimento tecnológico que esta monografia se propõe, mesmo porque tal desenvolvimento é inerente ao fazer humano no mundo e a única forma de freá-lo seria imobilizando toda a humanidade.

É inegável porém, que tecnologias são desenvolvidas e utilizadas de forma que contribuem para o aprofundamento de diversos problemas sociais, principalmente, tal como foi visto, quando o desenvolvimento fica centralizado nas mãos de um pequeno grupo que tem um único limite moral, o lucro.

Por exemplo, é um ponto positivo que a tecnologia e o conhecimento atual favoreçam o desenvolvimento de muitos remédios, porém, é um ponto negativo que tal conhecimento tenha sido apropriado por corporações com fins lucrativos, que tem maior interesse no lucro que podem obter com as vendas, do que com a cura que podem propiciar aos doentes.

É um ponto positivo que exista a televisão e ela veicule programas educativos que ajudem no desenvolvimento da criança, porém, é um ponto negativo que ela veicule comerciais que seduzem as crianças para assim chegarem aos bolsos dos pais.

É um ponto positivo que novas máquinas sejam desenvolvidas e abram a possibilidade de que o ser humano se liberte gradualmente do trabalho, porém os donos das máquinas “preferiram *fingir que havia trabalho suficiente para ocupar seus trabalhadores por oito ou mais horas por dia, a aumentar a oportunidade de reduzir os horários de enclausuramento no complexo empresarial.*”[DE MASI, 1999 : 47]

E em uma olhada mais atenta sobre a aplicação da tecnologia em áreas muito distintas, poder-se-á perceber um mesmo transfundo. Tecnologias que caso tivessem

uma orientação humanizadora poderiam ajudar a minorar muitos problemas sociais, mas que na forma como são utilizadas, produzem efeitos colaterais tão nocivos quanto os problemas que deveriam sanar.

E qual é a causa desta má utilização da tecnologia? Como foi visto nos capítulos anteriores, a tecnologia esta inserida em um contexto social e seu desenvolvimento e seu uso estão ligadas a este contexto de origem. Uma sociedade com relações sociais violentas, utilizará as tecnologias de que dispõe de forma violenta.

Nos capítulos anteriores foram estudados alguns dos fatores que condicionam as tecnologias negativamente nos dias de hoje.

Há os fatores sociais, que reafirmam um sistema de relações humanas baseado na desigualdade social e no capital ou no poder como valor central, estimulando uma concentração das funções sociais em grupos privados ou estatais, permitindo desta forma que um pequeno grupo tenha o poder de “adestrar” e “comandar” grandes quantidades de gente que deverão se manter passivas diante da injustiça, coagidas por alguma chantagem social, tal como o desemprego, a fome, etc.

E também os fatores pessoais, onde crises sociais constantes provocam um abalo no sistema de crenças, deixando as pessoas frustradas e desesperançosas, sem um sentido claro para a vida.

Estes aspectos são ladrilhos de um mesmo mosaico onde está desenhada uma cena violenta na qual o fenômeno humano é subordinado a atributos como beleza, riqueza, prestígio, religião, nacionalidade, raça, etc.

Neste capítulo serão apresentadas estratégias para a humanização da tecnologia, partindo-se do princípio que as pessoas precisam querer deixar de ser o ladrilho que é utilizado na composição do mosaico e se coloquem como o artista que junta os

fragmentos em busca de construir um painel utópico, onde nenhum ser humano será utilizado de material, mas todos terão seu quinhão de autoria.

A assunção deste papel pela humanidade não ocorrerá espontaneamente, como se fora resultante de uma evolução natural, é uma situação que precisa ser construída e intencionada por aqueles que compreendem a importância da não violência e do humanismo. Tais pessoas ao agir podem se tornar referência de uma nova forma de se viver e assim propiciar que outros também compreendam e se tornem obreiros desta empreitada.

Hoje, os maiores estragos são causados por decisões centralizadas em poucas corporações e governos, estes centros de decisão tem uma responsabilidade muito grande pelas catástrofes ambientais, pelos problemas de saúde pública, pelas guerras, etc.

Todavia há uma forte tendência a se culpar o indivíduo pela poluição, tome-se como exemplo a responsabilidade que se joga aos que se utilizam de um automóvel, porém, cabe a pergunta, qual é a responsabilidade maior, a do indivíduo ou dos governos que tratam ao transporte público com desdém, colaborando com o aumento das tarifas e fazendo vistas grossas para a superlotação e os amplos intervalos entre um carro e outro?

Se hoje há uma preponderância do uso de transporte rodoviário, não pode se dizer que foi por uma escolha espontânea dos indivíduos, a indústria automobilística e petrolífera fez muito *lobby* para estimular esta situação, na cidade de São Paulo por exemplo, como mostra Caio Prado Jr. [PRADO JR, 1985 : 250] a geografia do Centro era povoada de largos e praças sendo um espaço preponderantemente para pedestres, porém na década de 20 um forte *lobby* da indústria de pneus influenciou a decisão de se

construir avenidas para dar passagens aos até então escassos automóveis e mais tarde, o governante de São Paulo à época, Washington Luís, se tornou presidente com o lema “Governar é abrir estradas”, de asfalto é claro.

A tecnologia certamente não tem intenção própria, mas que ela assume um caráter político ao ser plasmada de acordo com a intenção de quem a utilizou ou desenvolveu, é algo difícil de negar. Desta forma os indivíduos acabam agindo influenciados de acordo com as limitações que dispositivos tecnológicos lhe impõe.

Na metrópole paulista, por exemplo, onde as pessoas moram em bairros afastados das atividades laborais, culturais, etc. Alguém pode percorrer 60Km para ir ao trabalho, dispondo de um transporte público (com um preço elevado e muitas vezes superlotado), mas que a leva e trás com uma certa eficiência, porém, no final de semana, caso este mesmo indivíduo queira sair de seu bairro, os intervalos entre os ônibus lhe deixarão com algumas dificuldades, estimulando-o de maneira indireta a ter um veículo e assim aqueles que dispõem de condições aquisitivas para tanto, não hesitam.

Há na história muitos outros exemplos onde se percebe que a centralização do poder serviu para impor interesses particulares ajudando a modelar assim os interesses públicos, demonstrando que as corporações e os governos, por sua natureza centralizada, foram convertidos em uma espécie de instrumento ou máquina autoritária, impondo as vontades de uns poucos a uma massa de gente.

Como foi visto, esta complexa máquina não surgiu por acidente, ela foi construída ao longo de muitas gerações, por homens que tinham uma orientação básica, o poder e a riqueza e um desrespeito muito grande pela humanidade de outros. E geração após geração a crença nestes valores e nestas condutas violentas foram se arraigando de modo que os oprimidos foram se deixando adaptar decrescentemente, até um nível onde

aceitam passivamente as violências que a sociedade lhe impingem, se colocando muitas vezes, na posição de opressores quando a oportunidade aparece.

Uma humanização da tecnologia que não leve em conta descentralização deste poder, a ativação de cada ser humano como um indivíduo capaz de decidir sobre aquilo que lhe tange e uma transformação radical das relações sociais, colocando a vida e a dignidade humana como preocupação central da sociedade, tem poucas chances de passar de uma ação ingênua à uma ação revolucionária.

Esta transformação de que fala o humanismo ocorre como um processo de aprendizado, não é uma mudança que ocorrerá toda ao mesmo tempo, ela deve se processar acompanhada de uma transformação pessoal, dentro do princípio da proporcionalidade, como comenta Silo, *“É necessário estabelecer quais são as questões mais importantes em nossa atividade. Devemos priorizar o fundamental para que as coisas funcionem, depois o secundário, e assim seguindo. Possivelmente, atendendo a duas ou três prioridades teremos um bom quadro da situação. As prioridades não podem inverter-se, não podem tampouco separar-se ao ponto que se desequilibre nossa situação. As coisas devem caminhar em conjunto, não isoladamente, evitando que umas se adiantem e outras se atrasem. Frequentemente, nos cegamos pela importância de uma atividade de dessa forma, o conjunto fica desequilibrado... Ao final, o que considerávamos tão importante tampouco pode realizar-se porque nossa situação geral ficou afetada.”*[SILO, 1998 : 49]

A transformação da tecnologia, deve ser acompanhada de uma mudança pessoal, que por sua vez será acompanhada de uma mudança social, o ator desta mudança são os indivíduos que tomam a frente do processo e propõe uma forma de agir coerente, e que tendem a perder importância conforme a quantidade de pessoas que estão junto consigo

aumente.

E o que caracterizaria um comportamento coerente ? Antes de se apresentar esta questão, será contada uma pequena história que servirá de exemplo para demonstrar o que é incoerência:

Pai e filho tem duas fazendas contíguas, ambas atravessadas por um riacho. O filho estava maravilhado com os fabulosos lucros que poderia obter plantando eucaliptos e se tornando um fornecedor da indústria do papel quando descobriu que estas árvores secariam as dezenas de pequenas nascentes existentes ao longo de sua propriedade, diminuindo assim o volume de água no córrego. Ele se colocou então no lugar do pai, e percebeu o quanto isso prejudicaria a criação bovina e a pequena lavoura. Quase arrependido de sua idéia inicial o filho expôs sua situação ao pai e o velho, tampouco querendo que seu menino perdesse o investimento que fizera, resolveu participar do empreendimento, sem dar importância que com isso ajudaria a minguar ainda mais o rio.

Quando as árvores começaram a crescer, o riacho secou e se transformou em um mísero filete de água, prejudicando pessoas de uma cidade vizinha que dependiam do rio para criarem seus animais, cultivarem sua terra e os menos afortunados, pescarem seu alimento.

Os vizinhos, na busca de uma solução para o conflito, fizeram uma pequena comissão que se pôs diante dos dois para pedir que considerassem sua situação e diminuíssem o número de eucaliptos. Pai e filho ficaram indignados e diante daquele “impropério” terminaram a conversa.

Nesta reunião não aconteceu um diálogo verdadeiro, pois tal ato só ocorre entre duas pessoas que se percebem em um nível de igualdade e um interlocutor se permite

colocar na posição do outro para entender o ponto de vista alheio. O que aconteceu neste pequeno colóquio foi algo muito diferente disto. Pai e filho se colocaram na posição de vítimas, enxergando os vizinhos como vilões que tinham a intenção de interferir em seus negócios e causar grandes prejuízos.

Não é objetivo deste exemplo adentrar na discussão se houve ou não vítimas ou vilões, mas perceber que as pessoas quando se percebem como injustiçadas, acreditam que tem algo que o outro não tem, a razão.

Esta é uma questão sutil, porém é a base de todo o problema. A atitude que uma pessoa se coloca diante de outra indiferente se ela esteja certa ou errada, determina se sua ação humaniza ou não.

O pai e o filho do exemplo não conseguiram se compadecer, tampouco compreender seus interlocutores, pois para isso precisariam ter uma atitude de escutar com sinceridade o que os outros queriam dizer, reconhecendo, como era o caso, o quanto sua ação estava sendo lesiva àquelas pessoas e assim buscar uma forma de solucionar o problema, ou caso fosse, entender onde o outro estava se equivocando e ajuda-lo a entender a situação sob uma nova óptica.

Esta atitude caracteriza a opção não-violenta, dialogal e humanista e é uma escolha de vida.

Um humanista quer aprender a valorizar a todo que contigo se relacione, pois é a isto que aspira. Se alguém deseja ser um músico e suas ações forem coerentes a este seu desejo, irá se desenvolver com seus erros e acertos e aprenderá o ofício. A mesma questão se dá nas relações humanas, não há violência que seja natural, toda violência é política, ou seja, resultado de uma escolha na forma de se relacionar com os outros e consigo mesmo.

Pode-se observar neste exemplo a atitude coerente e a incoerente. O filho não teve problema em considerar as intenções paternas e agir de acordo com a regra de ouro, que diz “trate aos demais como gostaria de ser tratado”. A relação familiar ajudou a que tivesse o outro na co-presença na hora de tomar uma decisão. Porém este mesmo rapaz foi totalmente incoerente na relação com os que lhe estavam mais distantes no espaço(os outros que compartilhavam dos benefícios do riacho) ou no tempo(as futuras gerações). E quando teve a oportunidade de percebê-los, para não assumir sua incoerência e pagar por ela, preferiu acreditar que a colocação deles não era válida e portanto não mereciam ser consideradas a fundo.

Então ocorre que um indivíduo ao agir está em relação com outros, para ser coerente é necessário ter o outro em conta e se questionar internamente se o está tratando da maneira como gostaria de ser tratado. Se ao contrário disso, o sujeito não percebe a outros, ou não lhes confere importância, se aumenta a possibilidade de que sua ação afete negativamente alguém, tendo em vista ainda o formato complexo do mundo atual, onde estão todos interligados por alguma estrutura social.

O desenvolvimento tecnológico de certa forma está condicionado a este corolário, pois quando se cria uma tecnologia, está se desenvolvendo uma forma de se relacionar com um mundo onde não se vive isoladamente, mas sim compartilhando-o com muitos indivíduos.

E quanto mais poder possui um indivíduo, maior o número de pessoas que sua ação atinge, grupos como a Nestlè, a Cargil, a Bayer e outros gigantes da indústria alimentícia afetam bilhões de pessoas em suas decisões.

Se uma criança inventa uma nova técnica de organizar seus carrinhos, sem considerar que a escada não é um bom lugar para deixá-los, a extensão do impacto que

isso pode ter é no máximo uma tragédia familiar. Se o estado da Califórnia, nos E.U.A, por sua vez, determina que os automóveis deverão se utilizar de combustível X ou Y, tal decisão produz um impacto no mundo inteiro. Esta centralização dos sistemas sociais e econômicos que pouco a pouco se aproximam da condição de se enlaçarem mundialmente não é uma construção natural, como já foi mostrado, muita violência foi e é cometida para que a humanidade esteja neste ponto, sendo tal violência uma prova cabal de que tanto aqueles que iniciaram este processo de centralização, quanto aqueles que dirigem tais sistemas centralizados, não compartilham de uma atitude humanista.

Sua atitude é direcionada ao dinheiro ou ao poder e mesmo quando uma empresa X desenvolve um artefato que pode beneficiar a humanidade inteira, a preocupação primordial é transformá-lo em mercadoria e gerar lucro para o pequeno grupo que comanda sua produção.

Confiar que uma corporação comprometida com o poder ou o lucro tenha “responsabilidade” suficiente para não prejudicar nenhum dos milhões de seres humanos sobre as quais influem de alguma forma é como esperar que um imenso paquiderme seja cuidadoso ao atravessar os estreitos corredores de uma loja de cristais, o único cuidado que o estabonado animal pode ter é o de não pisar nos cacos.

No entanto, todos os dias comerciais pela televisão, revistas, rádios e *outdoors* dizem às pessoas que confiem todos os âmbitos de suas vidas às empresas e ao governo, pois eles tem aquilo que se chama de “responsabilidade corporativa”.

E assim, uma empresa “responsável” por uma grande catástrofe ecológica, gasta fortunas em peças publicitárias que associem a sua imagem à proteção ambiental, pois isso sai mais barato do que mudar sua conduta. Empresas que desenvolvem armas químicas vendem a imagem de grandes beneméritas da saúde, etc. O importante é se

manter bem apresentado diante da opinião pública e desta forma o elefante consegue seguir pelo corredor, destruindo muitos cristais sem que aqueles que se dê-em conta consigam encontrar outras vozes que se levantem com as suas.

Voltando ao exemplo da fazenda, muitas pessoas tinham dependência vital do riacho, como deixar então que seu destino fosse decidido por apenas duas pessoas ?

Tanto a coerência dos indivíduos quanto a descentralização do poder de decisão sobre os fatores que realmente importam partem do princípio que o ser humano necessita estar ativo no meio em que vive.

3.1 A coerência

Uma explicação concisa sobre o que é a coerência foi dada por Silo na “Terceira Carta Aos Meus Amigos”, escrita na década de 90 para dar a conhecer sua idéias acerca da situação atual e do que é pensa ser necessário fazer:

*“Se pudéssemos pensar, sentir e atuar na mesma direção, se o que fazemos não nos criasse contradição com o que sentimos, diríamos que nossa vida tem coerência. Seríamos confiáveis ante nós mesmos, ainda que não necessariamente confiáveis para nosso meio imediato. Deveríamos conseguir essa mesma coerência na relação com os outros, tratando os demais como gostaríamos de ser tratados. Sabemos que pode existir uma espécie de coerência destrutiva como observamos nos racistas, nos exploradores, nos fanáticos e nos violentos, mas está clara sua **incoerência na relação**, porque tratam os outros de um modo distinto ao que desejam para si mesmos.”*[SILO, 1998 : 44]

A coerência então assume dois aspectos, o primeiro é a coerência consigo mesmo e o segundo é a coerência na relação com outros.

Observa-se que as pessoas que estão à frente das corporações e de outros núcleos de desenvolvimento tecnológicos tem uma grande coerência consigo mesmas, desejam lucro e poder e tudo aquilo que fazem de alguma forma majora seus ganhos, porém, esta gente carece de mais coerência no relacionamento com os outros. Necessitariam para isso terem sua ação conduzida de acordo com o princípio moral que declara: trate aos demais como deseja ser tratado!

A ação incoerente é embasada por uma ideologia que coloca a vida humana como uma competição onde vale a regra do “cada um por si”, em uma adaptação da teoria da evolução das espécies aplicada à sociedade humana.

Esta ideologia imposta por especialistas comprometidos com o modelo econômico através de grandes sistemas de comunicação também comprometidos com os atores econômicos modela a opinião pública que em uma estranha inversão de valores coloca aqueles que cometem incoerências como exemplos de virtude, citando um caso, os jornalistas Dauro Veras e Marques Casara[VERAS, 2004 : 19] em uma matéria sobre as ligações da alta indústria com a escravidão, falam sobre empresas siderúrgicas que estavam sendo processadas pelo Ministério Público Federal por se beneficiarem direta ou indiretamente de mão de obra escrava, entre tais empresas estava presente a gaúcha Gerdau. Em seus princípios a Gerdau se declara contra o trabalho escravo e diz que não se relaciona com fornecedores que não cumpram as leis trabalhistas, porém, além de comprar carvão de um fornecedor que se utilizava de escravos, a Gerdau se tornou administradora da carvoaria (um pouco antes das denúncias virem à tona) sem alterar sua estrutura.

Cerca de dois anos após este fato, em 2006, quando o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva foi reeleito e cogitava nomes para a sua equipe econômica, convidou para integrar o ministério da fazenda Jorge Gerdau Johannpeter, presidente da siderúrgica Gerdau.

Vendo do ponto de vista de empresários e investidores, Johannpeter é um empresário respeitável, pois além de presidir uma das maiores companhias siderúrgicas da América Latina, é coordenador da Ação Empresarial, uma instituição que defende os interesses empresariais no país e autores da “Agenda de Princípios para o Brasil”. Tal instituição defende uma política econômica baseada na doutrina neo-liberal, que prega um estado mínimo, que invista os impostos em melhores infra-estruturas e conseqüentemente aumente a competitividade das indústrias instaladas no país, nesta agenda pregam também algumas reformas na legislação trabalhistas, pois, como se explica na Agenda, *“Modernizar a legislação trabalhista e sindical é exigência de um mundo em aceleradas transformações. A legislação atual mostra-se cada vez mais inadequada para reger relações que requerem flexibilidade, agilidade e representatividade. Sem promover tais mudanças, o País perderá competitividade e, em conseqüência, empregos e renda.”*[AÇÃO EMPRESARIAL, 2007 : 12]

Já no século XIX a escravidão era considerada ultrapassada, provavelmente, em tal discurso a Agenda não se coloque a favor de flexibilizar as leis trabalhistas a tal ponto, pois já de início diz ser a favor da modernização das leis. Se a empresa do coordenador da Agenda foi beneficiada por mão de obra escrava, certamente isto foi um equívoco.

Se seu equívoco tivesse sido outro, algo como ser flagrado ao sair de uma loja caríssima sem pagar uma gravata que distraidamente colocou no bolso, provavelmente

a imprensa teria achincalhado de tal forma sua imagem, que dificilmente seu nome pudesse ser cogitado para um ministério. Porém, a repercussão de seu “equivoco” foi tão pequena, que Lula, em um momento delicado, no qual necessitava ter homens que de maneira alguma pudessem ser questionados pela imprensa, não hesitou em chamar o sr. Gerdau.

O trato dispensado aos funcionários é questão tão sem importância atualmente, que noticiar a libertação de alguns escravos não merece menção, isso demonstra indiretamente, o quão arraigada na sociedade atual estão certas contradições, pois, um mal trato quando passa a ser considerado algo corriqueiro ou de pouco monta, é por que a percepção está exposta de forma tão prolongada a tais fenômenos, que já considera uma situação criminosa, como algo “normal” e para alguns é até algo necessário, como por exemplo para os empresários que majoram seus lucros ao tratarem seus funcionários em situações análogas à escravidão.

É difícil esperar que o agir coerente seja iniciativa de pessoas que acreditam nesta necessidade da violência das relações que estabelecem com o meio. Os grandes empresários, mesmo que não mal tratem seus funcionários, tem uma crença forte na competição, crença esta mais uma vez respaldada pelos altos lucros que podem obter.

Diminuir a violência exercida pelos sistemas centralizados necessita então ser levado a cabo pelos que “percebem” a violência. É muito mais fácil a parte prejudicada perceber a violência que sofre, do que a parte prejudicante perceber a violência que exerce, logo, o agir coerente geralmente parte das vítimas que podem assim ir ganhando o apoio e simpatia da opinião pública e desta forma construir um meio que obrigue que lhe oprime a retroceder, sem cair na incoerência da resposta violenta. Gandhi e Luther King demonstraram como denunciar problemas sociais a grande quantidade de pessoas

sem para isso recorrer à mesma incoerência característica do opressor.

Para que tal situação ocorra é importante que cada indivíduo ponha a coerência como uma direção de vida, tal como expõe Silo:

“Se quisesse dar alguma direção aos acontecimentos, haveria que começar pela própria vida e, para fazê-lo, teríamos que ter em conta o meio no qual atuamos. Pois bem, a que direção podemos aspirar? Sem dúvida, àquela que nos proporcione coerência e apoio num meio tão instável e previsível. Pensar, sentir e atuar na mesma direção é uma proposta de coerência de vida. No entanto, isto não é fácil porque nos encontramos em uma situação que não escolhemos completamente. Estamos fazendo coisas que necessitamos, ainda que em grande desacordo com o que pensamos e sentimos. Estamos colocados em situações que não governamos. Atuar com coerência, mais que um fato, é uma intenção, uma tendência que podemos ter presente de maneira que nossa vida vá direcionando-se rumo a esse tipo de comportamento.[...] Se pretendemos coerência, o tratamento que dermos aos demais terá que ser o que exigimos para nós mesmos. Assim, nessas duas propostas encontramos os elementos básicos da direção até onde chegam nossas forças. A coerência avança sempre que avance o pensar, o sentir e o atuar na mesma direção. [...] Coerência e solidariedade são direções, aspirações de condutas a alcançar.”[SILO, 1998 : 48-49]

3.2 A descentralização do poder

O democracia representativa, o modelo mais difundido na atualidade, ergueu-se apoiando em 3 pontos, a separação entre os poderes, a representatividade e o respeito às minorias, que visam inibir a tirania e os excessos por parte dos governantes.

Porém, *“a teórica independência entre os poderes é um contra-senso. Basta pesquisar, na prática, a origem e a composição de cada um deles para comprovar as íntimas relações que os ligam. Não poderia ser de outro modo. Todos formam parte de um mesmo sistema. De maneira que as freqüentes crises onde uns avançam sobre os outros, de sobreposição de funções, de corrupção e irregularidades, correspondem com a situação global, econômica e política de um dado país.*

No que se diz respeito à representatividade, desde à época da extensão do sufrágio universal, pensou-se que existia somente um ato entre a eleição e a conclusão do mandato dos representantes do povo. Mas, à medida em que o tempo passa, claramente se vê que existe um primeiro ato, através do qual muitos elegem poucos, e um segundo ato, no qual este poucos traem aqueles muitos, representando interesses alheio ao mandato recebido. Esse mal se incuba nos partidos políticos, reduzidos às cúpula separadas das necessidades do povo. Já na própria máquina partidária, os grandes interesses financiam candidatos e ditam as políticas que esses deverão seguir. Tudo isto evidencia uma profunda crise no conceito e na implementação da representatividade.”[SILO, 1998 : 90]

Há uma farsa democrática, uma democracia formal esvaziada de significado e manipulada amplamente por empresários e outros homens com dinheiro e poder

suficiente para transformar as decisões políticas em mercadorias.

Esta situação se acentuou no pós guerra, quando as corporações foram se tornando mais importantes no cenário mundial, convertendo-se em multinacionais e desta forma conseguiram burlar leis criadas em seus países que de alguma forma lhes tentava por peias, indo para locais onde a lei é mais frouxa. Estas empresas foram utilizadas como baluartes do capitalismo durante a guerra fria, servindo-o, como os jesuítas serviram à Igreja Católica alguns séculos antes.

Se querem pagar menos impostos, mandam suas divisas para paraísos fiscais, se querem fazer transporte marítimo sem precisarem tomar maiores cuidados com o meio ambiente, se utilizam de navios com a bandeira da Libéria, se querem produzir produtos com mão de obra barata, vão para países do terceiro mundo.

Houve um momento em que as empresas ainda dependiam dos estados e havia uma série de explicações econômicas para convencer as populações sobre a necessidade de se investir em aumento indiscriminado da produção para assim aumentar o número de trabalhadores contratados. Quanto maior o parque tecnológico, mais o povo seria beneficiado. Porém hoje, como demonstra Domenico De Masi [DE MASI, 1999 : 67] uma indústria sadia é aquela que demite mais funcionários.

“Ao longo do tempo, o excedente de mão-de-obra na agricultura foi descarregado na indústria; a mão-de-obra excedente da indústria foi transferida para os serviços; o excedente de mão-de-obra do setor terciário foi dirigido para esses trabalhos não especializados. Agora, porém, o giro foi dado por completo e a única alternativa possível contra um conflito progressivo entre os desempregados, sempre mais numerosos, e os ocupados é um redesenho do sistema social, [...] que viria descentralizar o poder, aumentaria a autonomia e a subjetividade dos indivíduos,

distribuiria de forma equânime a riqueza produzida pelas máquinas, possibilitaria que todos alternassem atividades repetitivas com atividades criativas, daria ao tempo livre plena cidadania como tempo que produz idéias e reproduz a vida, e se tornaria essencial em relação às horas de trabalho, sempre que o trabalho fosse alienante.”[DE MASI, 1999 : 65-66]

A tecnologia que tem servido para reduzir o número de horas que o ser humano necessita trabalhar, tem sido usada em uma forma sem sentido, ajudando que as corporações se fortaleçam e o ser humano se marginalize. E para que construir uma sociedade para corporações? Para que uns poucos se matem de trabalhar e milhões se mantenham desempregados? Não são racionais os argumentos que mantêm o sistema social na atual penúria, são ao contrário, baseado em sentimentos de usura e ganância.

Alguns mecanismos que permitiram a maior concentração do poder nas mãos de uns poucos necessitam ser revertidos, o isolamento, a alienação, a passividade e principalmente a falta de sentido.

É necessário que ocorra a multiplicação de âmbitos nos quais ocorra um diálogo sobre os assuntos realmente importantes para a vida das pessoas, onde os indivíduos estabeleçam uma comunicação real além das superficialidades, um âmbito que facilite o aprendizado e o crescimento.

Desta forma as pessoas poderão gradativamente irem se ativando e interessando pelo processo de tomada de decisões políticas e sociais, aprendendo a participar das tarefas e das decisões e a terem responsabilidade sobre seus atos.

Estes grupos não devem ser apenas grupos de estudos, como argumenta Fromm, *“as idéias só se tornam poderosas quando aparecem em carne e osso; uma idéia que não conduza à ação por parte do indivíduo e dos grupos permanece, na melhor das*

hipóteses, como um parágrafo ou nota de rodapé num livro _ mesmo que a idéia seja original e importante. É como uma semente guardada num lugar seco. Se quisermos que a idéia tenha influência, ela deve ser plantada, e o solo é a pessoa e os grupos de pessoas.”

Alguns destes grupos poderiam ser voltados para o desenvolvimento de um consumo humanizado, outros para cooperativas de trabalho, outros para o desenvolvimento de atividades sociais, etc.

Para cada conflito pontual, frentes de ação que *“realizem seu trabalho na base administrativas dos países, apontando para o bairro ou município. Devem se desenvolver na área, fixando frentes de ação trabalhistas e habitacionais, comprometendo a ação com conflitos reais e devidamente priorizados. Esse último ponto significa que a luta pela reivindicação imediata não tem significado se ela não leva ao crescimento organizativo e posicionamento para passos posteriores.”* [SILO, 1998 : 109]

3.3 Ações já existentes

No último século surgiram diversas iniciativas que de uma forma indireta trabalham a descentralização do poder, sua tática não é o enfrentamento, mas a construção de alternativas tecnológicas baseadas em um modelo colaborativo e não autoritário.

Esta sensibilidade se expressa em diversos campos, desde *hackers* que se utilizam de seus conhecimentos para construírem softwares sem *copyright*, até farmacêuticos que transladam os conceitos de código aberto para a elaboração de remédios. Há entre os operários deste novo momento tecnológico,(escritores, programadores, músicos,

jornalistas, fotógrafos e todas as outras profissões que trabalhem com a produção de informação e outros bens abstratos) muitas pessoas que mesmo sem largarem mão de seus empregos, voluntariamente participam de publicações de revistas, softwares, sites, etc.

Outra tendência forte são os fóruns, os *wikis* e as comunidades que são estruturadas em um modelo de construção da informação de modo colaborativo, onde as pessoas podem esclarecer suas dúvidas e ajudar que outros esclareçam as suas também.

Esta sensibilidade não se limita apenas ao mundo virtual, diversos grupos se juntaram em 1999 e conseguiram impedir a reunião da OMC em Seattle, após uma ampla repressão policial e uma cobertura tendenciosa da mídia, os grupos criaram mecanismos de Mídia Independente e construíram o 1º Fórum Social Mundial em 2001, onde movimentos sociais que de alguma forma trabalham para a mudança social tiveram a oportunidade de intercambiarem sobre a construção de alternativas às políticas centralizadas.

A década de 80 presenciou uma ebulição de legendas políticas em toda a América Latina com a queda dos regimes autoritários, houve um período de muita expectativa de mudanças, que logo foi frustrado pela traição cometida pelos políticos civis. De certa forma esta onda “democrática” tinha uma orientação progressista na medida em que substituiu no poder ditaduras autoritárias por democracias constitucionais, porém ficou por aí, não tinham um comprometimento com passos posteriores.

Este período pós militar foi o período das grandes privatizações, onde empresários e seus representantes se tornaram presidentes e fizeram valer os interesses de sua classe. A população mostrou sua indignação nas urnas no começo do século XXI, onde presidentes de orientação progressista que se opunham ao programa neo liberal

empreendido pelos seus sucessores foram eleitos em muitos países da América Latina, caberá a história mostrar se mais uma vez as expectativas populares serão frustradas.

O século XX foi palco também de movimentos não violentos que se desenrolaram na Índia, nos EUA, na URSS, na África do Sul e em muitos outros pontos, mostrando a viabilidade de uma modalidade de luta social baseada no esvaziamento do poder, através da desobediência civil.

Talvez uma das transformações mais profundas que o século XX assistiu, foi o do processo de emancipação feminino. Elas são metade da população mundial, e viviam subordinadas à crenças discriminatórias e em um período inferior a um século conseguiram se transformar na mais nova força social emergente.

No campo da ecologia também diversas tecnologias tem sido produzidas ou resgatadas por movimentos que defendem uma utilização mais racional da terra, tendo em conta a manutenção das condições para a vida no planeta, colocando o ser humano não apenas como um consumidor, mas também como um mantenedor.

Um exemplo é a permacultura, um conceito que foi *“desenvolvido nos anos 70 por dois australianos: David Holmgren e Bill Mollison, e foi resultado da criação e desenvolvimento de pequenos sistemas produtivos organicamente integrados (a casa, o entorno, as pessoas...) proporcionando responder as necessidades básicas de uma maneira harmoniosa.”*[YBITUCATU, 2007] E que integra tecnologias ancestrais com tecnologias científicas.

Silo, um dos pensadores citados neste trabalho, ajudou na estruturação do Movimento Humanista, um grupo de ativistas que desenvolvem diversas atividades ligadas ao resgate da humanidade em todo o tipo de ação humana, buscando colocar o ser humano em uma posição ativa e crítica em sua sociedade, se utilizando da

humanização da tecnologia, da educação, da saúde, etc, como um pretexto para que o ser humano aprenda a tomar parte na vida social não como figurante, mas como protagonista, aprendendo ao longo deste processo a incorporar os valores humanistas.

Hoje Silo desenvolve uma campanha mundial contra uma tecnologia que dificilmente terá algum potencial humanista, a bomba atômica, uma arma que pode colocar em risco a existência humana na Terra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um processo de mundialização e de complexificação das relações sociais que desde há muito acompanha a humanidade.

Nos últimos 5 séculos porém, este processo foi conduzido por interesses baseados na crença de que o valor de uma pessoa está ligada a quantidade de capital ou poder que possui. Logo esta cultura de comerciantes e tiranos foi sendo imposta à toda população mundial gerando uma adaptação decrescente, onde a humanidade foi pouco a pouco assumindo uma atitude alienada diante das coisas importantes da vida, de passividade diante dos problemas sociais e de aceitação da violência realizada pelas instituições criadas pelos poderosos.

Nesse processo de adestramento social alguns mecanismos foram utilizados, tal como o carnaval e o consumismo, para criar nas pessoas uma idéia de estarem sendo recompensadas pelas ordens que aceitavam sem questionar.

E em um círculo vicioso, para manter esta ordem, uma necessidade de uma produção sempre maior, para que a obediência se mantenha sempre renovada.

Dentro deste cenário social, não há sentido na utilização da tecnologia, que ao invés de servir para ajudar a humanidade a superar este período histórico de violência e desigualdade social, é utilizada de tal forma que ajuda no aumento do acúmulo de capital e do consumo.

Cada vez mais pessoas ficam desempregadas, devido ao surgimento de novas máquinas, e a ganância dos poderosos impede que a tecnologia seja vista como uma ajuda ao ser humano se libertar do trabalho, mas sim como um fator que contribui para o desemprego.

Este consumo exacerbado desgasta o meio ambiente de tal forma, que um desequilíbrio ecológico começa a ser observado em diversos ecossistemas terrestres e países inteiros temem sucumbir sob as águas do mar.

A tecnologia ao invés de ser utilizada para criar melhores condições de vida, está sendo usada de tal forma que acelera a degradação do ambiente.

A lógica pragmática do capital não considera os efeitos colaterais ocasionados por uma ação lucrativa, por exemplo quando se realiza *“a avaliação da eficiência de um determinado projeto industrial apenas em termos dos efeitos imediatos deste empreendimento, esquecendo-se [...] que os resíduos lançados nos rios vizinhos e no ar representam uma ineficiência dispendiosa e séria com relação à comunidade”*.
[FROMM, sem data : 48]

A ciência perdeu seu sentido e é utilizada de tal jeito, que é como se aquilo que os cientistas realizassem não tenha nenhuma ligação com a realidade humana, apenas com a realidade do mercado.

E assim ajuda na produção de cada vez mais bens, que cada vez significam menos. A demanda por estes bens supérfluos é criada dia após dia pelo *marketing* que busca entender aquilo que aprisiona o ser humano, para poder utilizar esse conhecimento para aprisioná-lo ainda mais.

Os governos democráticos que surgiram como uma alternativa da população se mobilizar e aprender a utilizar a tecnologia de uma forma benéfica para o todo social, perde poder a cada dia, enquanto as corporações com seu mercado global, vão criando um para-estado baseado na lei do mais eficiente.

Enquanto isso, o ser humano passa por uma crise de sentido, sendo obrigado a realizar tarefas que estão longe de lhe significarem algo, vai deixando de humanizar seu

meio e de atribuir significado ao que está ao seu redor. As coisas que lhe cerca são supérfluas, não consegue se comunicar de uma forma profunda com as pessoas à sua volta, mas busca a todo custo o contato com outros, pois teme a solidão de estar sozinho, pois para os valores atuais, estar sozinho, longe de ser um momento rico em significação, onde o ser humano usa para refletir sobre sua existência e reafirmar seu sentido, é ao contrário um momento de solidão e agonia, onde ele percebe o quanto sua vida está vazia. As pessoas levam uma vida de agitados prazeres, cercada de outros seres humanos que se sentem tão sozinhos quanto ele.

Uma das raízes desta situação é a construção de uma máquina social, que obedece ao comando de um pequeno grupo. As pessoas foram convertidas em peças de uma máquina e acabam perdendo aquilo que é mais importante à humanização, a esperança.

Humanizar é recuperar a esperança, e recuperar a esperança só se dará quando o ser humano aprender a olhar para aqueles que o cercam como seres humanos, não como objetos ou recursos. Ao aprender a enxergar o fenômeno humano em outros, perceberá que ele mesmo não é uma simples coisa, a sensação causada por tal percepção é a raiz do olhar crítico que possibilita ao ser humano humanizar o mundo que o cerca.

Neste processo o ser humano buscará a coerência daquilo que sente, pensa e faz, e também a coerência na relação com os demais, adotando a postura de dialogar e compreender os que se relacionam consigo.

Dentro desta ação no mundo, a humanização da técnica emergirá, pois, quando o ser humano percebe um sentido para o seu estar no mundo, usa a tecnologia de forma que ela não colabora mais com a repetição de erros históricos, convertendo-a em um instrumento que o ajuda a se desenvolver rumo ao futuro que aspira.

BIBLIOGRAFIA

- ACÇÃO EMPRESARIAL. **Agenda de Princípios Para o Brasil**. Brasília, 2007. 17p.
Disponível em: <http://www.agendaprincipiosbrasil.org.br/arquivos/Agenda%20de%20Principios%20para%20o%20Brasil.pdf>. Acesso em: 23/jun/2007.
- BETTS, Jaime. **Considerações sobre o que é humano e sobre o que é humanizar**.
Disponível em: <http://www.portalhumaniza.org.br/ph/texto.asp?id=37> >. Acesso em: 18/mai/2007.
- DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento sem trabalho**, 6ª ed. São Paulo : Esfera, 1999. 104 p.
- DOLCE, Júlio. **Tecnologia e Humanismo**. Rio de Janeiro : Revista da ESG – Ano XII – nº 34, 1995.
- FROMM, Erich. **A revolução da esperança: por uma tecnologia humanizada**. São Paulo : Círculo do Livro, sem data. 192 p.
- GAMA, Ruy. **Técnica e tecnologia: acenos históricos**. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA: Trópico e pesquisa científica, 1987, Recife. **Anais...** Recife: Fundaj, Massangana, 1995. p. 119-165.
- GASSET, José Ortega y. **Meditação da Técnica**. Rio de Janeiro : Livro Ibero-Americano Ltda. , 1963.
- GRAS, Alain . **A ilusão da fatalidade técnica**. L'écologiste - Vol 2 - Nº3 - Outono 2001.
- MUMFORD, Lewis. **A condição de homem: Uma análise dos propósitos e fins do desenvolvimento humano**, 2ª ed. Porto Alegre : Globo, 1955. 512 p. Disponível em : <<http://hps.infolink.com.br/peco/N2pe15.htm>>. Acesso em: 15/mai/2005.
- _____, Lewis. **Técnica y Civilización**. Buenos Aires : Emecé, 1946, 2v.
- OLIVEIRA, I. L. . **Em direção à uma sociedade hipertextual**. In: intercom, 1999, Rio de Janeiro. Anais da intercom 1999, 1999. 1.p.
- PRADO JR., CAIO. **História Econômica do Brasil**. São Paulo : Brasiliense, 1985. 364 p.
- ROSSET, Peter. **A nova Revolução verde é um sonho** : www.foodfirst.org, Oakland, junho de 2000. Disponível em: <http://www.foodfirst.org/archive/media/opeds/2000/10-port.html> >. Acesso em 18/mai/2007.
- RUBIA, Rafael de la. **Hacia un nuevo Humanismo**. 2. ed. Madri : Tabla Rasa, 2006. 508 p.
- SANTOS, Milton. **Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional**. In: A natureza do espaço. São Paulo : Hicitec, 1996. p. 187-197.
- SILO. **Diccionario del Nuevo Humanismo**. In: Silo, Obras Completas. Volumen II. México D.F. : Plaza y Valdez, 2004. 688 p : 325-638pp.
- _____. **Cartas a meus amigos: Sobre a crise social e pessoal no mundo de hoje**. São Paulo: Edição do Autor, 1998. 160 p.
- _____. **Habla Silo**. Santiago de Chile: Virtual Ediciones, 1996. 254 p.
- VERAS, Dauro, CASARA, Marques. **Escravos do Aço : Siderúrgicas se beneficiam de trabalho escravo em carvoarias na selva amazônica**. In: Revista EM :

Observatório Social, Florianópolis, n. 6, pg. 10-24, 2004.

YBITU-CATU – **A Permacultura**. Disponível em
<<http://www.ybytucatu.com.br/permacultura.htm>>. Acesso em 12/jun/2007.